

# Convergência

Maio • 2019 • ANO LIV

521

Revista da Conferência  
dos Religiosos do Brasil - CRB  
ISSN 0010 - 8162



Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Maria Inês Vieira Ribeiro, mad  
Editor: Irmão Lauro Daros, fms  
Redatora: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

Conselho Editorial: Pe. Ângelo Mezzari, rcj  
Irmã Helena Teresinha Rech, sst  
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp  
Jaldemir Vítório, sj  
Irmã Nivalda Milak, fdz

Projeto gráfico: Manuel Rebelato Miramontes  
Diagramação: Dulciene Luzia Almeida  
Revisão: Irmão Lauro Daros, fms  
Impressão: Editora FTD - Sede São Paulo  
Ilustração da capa: Irmã Patrícia Souza da Silva

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II  
70393-900 – Brasília - DF  
Tel.: (61) 3226-5540  
E-mail: [crb@cbnacional.org.br](mailto:crb@cbnacional.org.br)  
[www.crbnacional.org.br](http://www.crbnacional.org.br)  
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas  
do PDF sob o n. P. 209/73

# Sumário

## Editorial

- MARIA: ROSTO E CORAÇÃO MATERNO DE DEUS  
IGREJA: ROSTO DE MULHER, CORAÇÃO DE MÃE 5

## Mensagem do papa

- MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O  
52º DIA MUNDIAL DA PAZ 8

## Mártires/Santos

- SERVO DE DEUS DOMINGOS EVANGELISTA PINHEIRO 14  
*Irmã Teresa Cristina Leite*

## Informes

- 25 ANOS DO MOSTEIRO NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA 23  
*Dom Joaquín Pertíñez Fernández, OAR*

## Artigos

- MARIA, MULHER DESDOBRÁVEL 29  
*Irmã Annette Havenne*

- O SENTIDO E A RELEVÂNCIA DA VIDA CONTEMPLATIVA  
NA HISTÓRIA DA EVANGELIZAÇÃO DO BRASIL 37  
*Vera Lúcia Parreiras Horta, OSB*

- PROTAGONISMO DA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA  
NA HISTÓRIA DA EVANGELIZAÇÃO DO BRASIL 47  
*Frei Sandro Roberto da Costa, ofm*

- A SANTIDADE DE OLHOS ABERTOS 59  
*Pe. Ademir Guedes Azevedo, cp*

- INTERCONGREGACIONALIDADE: JUNTOS POR  
CRISTO E SUA MISSÃO 66  
*Vera Lucia Palermo*

- PLENAMENTE HUMANO, SIMPLEMENTE IRMÃO 79  
*Frei Edimar Fernando Moreira, Carmelita*



# MARIA: ROSTO E CORAÇÃO MATERNO DE DEUS

## IGREJA: ROSTO DE MULHER, CORAÇÃO DE MÃE

Jesus, ao enviar em missão os seus discípulos, disse-lhes: “Em qualquer casa em que entrardes, dizei primeiro: ‘A paz esteja nesta casa!’”

Na Mensagem de Paz, no início do ano, o papa Francisco afirma que “oferecer a paz está no coração da missão dos discípulos de Cristo. (...) A “casa”, de que fala Jesus, é cada família, cada comunidade, cada país, cada continente, na sua singularidade e história; antes de mais nada, é cada pessoa, sem distinção nem discriminação alguma. E é também a nossa ‘casa comum’: o Planeta onde Deus nos colocou a morar e do qual somos chamados a cuidar com solicitude. (...) A política da paz, que conhece bem as fragilidades humanas e delas se ocupa, pode sempre inspirar-se no espírito do Magnificat, que Maria, Mãe de Cristo Salvador e Rainha da Paz, canta em nome de todos os homens.

A Seção Mártires/Santos traz o Servo de Deus Domingos Evangelista Pinheiro – Fundador da Congregação das Irmãs Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade, texto da Irmã Teresa Cristina, superiora geral. Escreve a Irmã: “Em 28 de agosto de 1892, Monsenhor Domingos fundou a Congregação das Irmãs Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade para ajudá-lo no processo de libertação das crianças filhas de escravos. No calvário da humanidade sofrida e escravizada, surgiu, sob a moção do Espírito Libertador, o Carisma das Irmãs Auxiliares: como Nossa Senhora da Piedade, elas deveriam ser mulheres geradoras de vida na acolhida aos crucificados mortos vivos na história”.

Na Seção Informe, *Dom Joaquín Pertíñez Fernández*, OAR, bispo de Rio Branco, Acre, discursa sobre os **25 anos do Mosteiro Nossa Senhora da Esperança**. Assim se expressa o bispo: “Caminhamos Rumo ao Centenário de nossa Diocese de Rio Branco e queremos que este Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança continue cumprindo sua função... sendo essa presença orante da Igreja no meio da sociedade acreana, manifestando a credibilidade da mensagem da qual a Igreja é depositária e anunciadora, anunciando e testemunhando a fraternidade evangélica, com um silêncio operoso e eloquente, deixando que Deus fale no meio de nosso mundo, tão surdo, distraído e alheio às coisas do alto”.

A Seção Artigos inicia-se com o texto mariano **“Maria, Mulher Desdobrável”**, da Irmã Annette Havenne. Irmã Annette deixa claro que “o papa Francisco não para de nos lembrar que a Igreja tem rosto de mulher e coração de mãe. Ele retoma assim uma das intuições que nos vem da eclesiologia dos santos Padres, realçando, ao lado do ministério petrino, a vocação mariana da comunidade cristã. Sem dúvida, uma Igreja mariana é tenda feita para acolher a todos e todas, a começar pelos mais fracos, tão contemplados por nossos fundadores e fundadoras”.

Vera Lúcia Parreiras Horta, OSB, fala sobre **“O Sentido e a Relevância da Vida Contemplativa e da Vida Monástica Hoje”**. Para destacar o sentido e relevância da vida contemplativa e monástica, a autora cita dois pensadores: o monge trapista americano, Thomas Merton, e o monge beneditino de Luxemburgo, Jean Leclerq. Eles afirmavam, já em 1968, que “A vocação do monge no mundo moderno... não é de sobrevivência, mas de profecia”. Diziam ainda que “ao invés de preocuparmo-nos com a sobrevivência da vida monástica, devemos preocuparmo-nos em tentar fazer dela um fenômeno profético”.

Frei Sandro Roberto da Costa apresenta o **“Protagonismo da Vida Religiosa Consagrada na História da Evangelização do Brasil”**. Frei Sandro conclui o artigo assim: “Falar de protagonismo de religiosos ao longo da história do Brasil, de suas atividades, dos personagens e de seus feitos, não é difícil. Porém, fazer memória do protagonismo de nossos irmãos deve nos levar a pensar no nosso protagonismo hoje. (...) Certamente o conhecimento da história, com seus paradoxos, intermeados de luzes e sombras, pode nos ajudar a encontrar as respostas para os anseios e desafios de nosso tempo. Queremos ser protagonistas do nosso tempo, em prol do Reino de Deus e de seu projeto, e não meros figurantes ou repetidores da história”.

“**Santidade de Olhos Abertos**” é artigo do Pe. Ademir Guedes Azevedo. Em sintonia com o papa Francisco, ele esclarece: “ganha particular atenção a recente Exortação Apostólica do Papa Francisco *Gaudete et Exsultate*: sobre o chamado à santidade no mundo atual. O Papa valoriza as vivências e o esforço sincero da gente simples que, na labuta cotidiana, não cessa de servir a Deus. O salto qualitativo do qual estamos falando põe a santidade ao alcance de todos, supera aquela visão de casta que enfatiza uma vida baseada sobre normas e prescrições”.

Irmã Vera Lucia Palermo expõe sobre **Intercongregacionalidade** e explica que “para nos ajudar nesta proposta e convocação de compartilhar nossos carismas por Cristo e sua missão, vamos ver, neste artigo, primeiramente, a proposta missionária de Jesus de Nazaré, em Lucas 4, 16-19. Em seguida, vamos pincelar em poucas palavras como compartilhar essa missão com leigos e leigas envolvendo-os na missão e comunhão com a Igreja. E a seguir, então, vamos refletir alguns pontos sobre intercongregacionalidade, uma vez que este tema já não é novo para nós”.

Frei Edimar Fernando Moreira, Carmelita, reflete sobre a vocação do Irmão. No texto “**Plenamente humano, simplesmente irmão: reflexão sobre o valor da consagração religiosa e da maturidade humana**”, ele informa que parte “de uma visão daquilo que é positivo do contexto da vocação do irmão. O objetivo de nosso artigo é identificar a consagração religiosa como elemento chave para a compreensão da vocação do irmão humanamente maduro. Para tal, primeiro, quer-se apresentar que a consagração do irmão está radicada no batismo. Segundo, arguir que a dimensão do “ser” irmão revela um elemento essencial de sua vocação. Terceiro, refletir como a maturidade humana possibilita uma vocação religiosa mais plenificada.

Neste mês de maio, e sempre, que a Boa Mãe, Maria, Nossa Senhora, Nosso Recurso, nos mostre Jesus, caminho, verdade e vida! Tudo a Jesus por Maria, tudo a Maria para Jesus.

# MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O 52º DIA MUNDIAL DA PAZ

BOLETIM DA SANTA SÉ

[HTTP://W2.VATICAN.VA](http://w2.vatican.va)

## A boa política está ao serviço da paz.

### “A paz esteja nesta casa!”

Jesus, ao enviar em missão os seus discípulos, disse-lhes: “Em qualquer casa em que entrardes, dizei primeiro: ‘A paz esteja nesta casa!’ E, se lá houver um homem de paz, sobre ele repousará a vossa paz; se não, voltará para vós” (Lc 10, 5-6).

Oferecer a paz está no coração da missão dos discípulos de Cristo. E esta oferta é feita a todos os homens e mulheres que, no meio dos dramas e violências da história humana, esperam na paz.<sup>1</sup> A “casa”, de que fala Jesus, é cada família, cada comunidade, cada país, cada continente, na sua singularidade e história; antes de mais nada, é cada pessoa, sem distinção nem discriminação alguma. E é também a nossa “casa comum”: o Planeta onde Deus nos colocou a morar e do qual somos chamados a cuidar com solicitude.

Eis, pois, os meus votos no início do novo ano: “A paz esteja nesta casa!”

### O desafio da boa política

A paz parece-se com a esperança de que fala o poeta Carlos Péguy;<sup>2</sup> é como uma flor frágil, que procura desabrochar por entre as pedras

1 Cf. Lc 2, 14: «Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens do seu agrado».

2 Cf. *Le Porche du mystère de la deuxième vertu* (Paris 1986).



da violência. Como sabemos, a busca do poder a todo o custo leva a abusos e injustiças. A política é um meio fundamental para construir a cidadania e as obras do homem, mas, quando aqueles que a exercem não a vivem como serviço à coletividade humana, pode tornar-se instrumento de opressão, marginalização e até destruição.

“Se alguém quiser ser o primeiro – diz Jesus – há de ser o último de todos e o servo de todos” (Mc 9, 35). Como assinalava o Papa São Paulo VI, “tomar a sério a política, nos seus diversos níveis – local, regional, nacional e mundial – é afirmar o dever do homem, de todos os homens, de reconhecerem a realidade concreta e o valor da liberdade de escolha que lhes é proporcionada, para procurarem realizar juntos o bem da cidade, da nação e da humanidade”.<sup>3</sup>

Com efeito, a função e a responsabilidade política constituem um desafio permanente para todos aqueles que recebem o mandato de servir o seu país, proteger as pessoas que habitam nele e trabalhar para criar as condições dum futuro digno e justo. Se for implementada no respeito fundamental pela vida, a liberdade e a dignidade das pessoas, a política pode tornar-se verdadeiramente uma forma eminente de caridade.

## **Caridade e virtudes humanas para uma política ao serviço dos direitos humanos e da paz**

O Papa Bento XVI recordava que

“todo o cristão é chamado a esta caridade, conforme a sua vocação e segundo as possibilidades que tem de incidência na pólis. (...) Quando o empenho pelo bem comum é animado pela caridade, tem uma valência superior à do empenho simplesmente secular e político. (...) A ação do homem sobre a terra, quando é inspirada e sustentada pela caridade, contribui para a edificação daquela cidade universal de Deus que é a meta para onde caminha a história da família humana”.<sup>4</sup>

Trata-se de um programa no qual se podem reconhecer todos os políticos, de qualquer afiliação cultural ou religiosa, que desejam trabalhar juntos para o bem da família humana, praticando as virtudes humanas que subjazem a uma boa ação política: a justiça, a equidade, o respeito mútuo, a sinceridade, a honestidade, a fidelidade.

3 Carta ap. Octogesima adveniens (14/V/1971), 46.

4 Carta enc. Caritas in veritate (29/V/2009), 7.

A propósito, vale a pena recordar as “bem-aventuranças do político”, propostas por uma testemunha fiel do Evangelho, o Cardeal vietnamita Francisco Xavier Nguyen Van Thuan, falecido em 2002:

Bem-aventurado o político que tem uma alta noção e uma profunda consciência do seu papel.

Bem-aventurado o político de cuja pessoa irradia a credibilidade.

Bem-aventurado o político que trabalha para o bem comum e não para os próprios interesses.

Bem-aventurado o político que permanece fielmente coerente.

Bem-aventurado o político que realiza a unidade.

Bem-aventurado o político que está comprometido na realização duma mudança radical.

Bem-aventurado o político que sabe escutar.

Bem-aventurado o político que não tem medo.<sup>5</sup>

Cada renovação nos cargos eletivos, cada período eleitoral, cada etapa da vida pública constitui uma oportunidade para voltar à fonte e às referências que inspiram a justiça e o direito. Duma coisa temos a certeza: a boa política está ao serviço da paz; respeita e promove os direitos humanos fundamentais, que são igualmente deveres recíprocos, para que se teça um vínculo de confiança e gratidão entre as gerações do presente e as futuras.

### Os vícios da política

A par das virtudes, não faltam infelizmente os vícios, mesmo na política, devidos quer à inépcia pessoal quer às distorções no meio ambiente e nas instituições. Para todos, está claro que os vícios da vida política tiram credibilidade aos sistemas dentro dos quais ela se realiza, bem como à autoridade, às decisões e à ação das pessoas que se lhe dedicam. Estes vícios, que enfraquecem o ideal duma vida democrática autêntica, são a vergonha da vida pública e colocam em perigo a paz social: a corrupção – nas suas múltiplas formas de apropriação indevida dos bens públicos ou de instrumentalização das pessoas –, a negação do direito, a falta de respeito pelas regras comunitárias, o enriquecimento ilegal, a justificação do poder pela força ou com o pretexto arbitrário da “razão de Estado”, a tendência a perpetuar-se no poder, a xenofobia e o racismo, a recusa a cuidar da Terra, a exploração ilimitada dos recursos naturais em razão do lucro imediato, o desprezo daqueles que foram forçados ao exílio.

5 Cf. «Discurso na Exposição-Encontro “Civitas” de Pádua»: Revista 30giorni (2002-nº 5).

## **A boa política promove a participação dos jovens e a confiança no outro**

Quando o exercício do poder político visa apenas salvaguardar os interesses de certos indivíduos privilegiados, o futuro fica comprometido e os jovens podem ser tentados pela desconfiança, por se verem condenados a permanecer à margem da sociedade, sem possibilidades de participar num projeto para o futuro. Pelo contrário, quando a política se traduz, concretamente, no encorajamento dos talentos juvenis e das vocações que requerem a sua realização, a paz propaga-se nas consciências e nos rostos. Torna-se uma confiança dinâmica, que significa “fio-me de ti e creio contigo” na possibilidade de trabalharmos juntos pelo bem comum. Por isso, a política é a favor da paz, se se expressa no reconhecimento dos carismas e capacidades de cada pessoa. “Que há de mais belo que uma mão estendida? Esta foi querida por Deus para dar e receber. Deus não a quis para matar (cf. Gn 4, 1-16) ou fazer sofrer, mas para cuidar e ajudar a viver. Juntamente com o coração e a inteligência, pode, também a mão, tornar-se um instrumento de diálogo”.<sup>6</sup>

Cada um pode contribuir com a própria pedra para a construção da casa comum. A vida política autêntica, que se funda no direito e num diálogo leal entre os sujeitos, renova-se com a convicção de que cada mulher, cada homem e cada geração encerram em si uma promessa que pode irradiar novas energias relacionais, intelectuais, culturais e espirituais. Uma tal confiança nunca é fácil de viver, porque as relações humanas são complexas. Nestes tempos, em particular, vivemos num clima de desconfiança que está enraizada no medo do outro ou do forasteiro, na ansiedade pela perda das próprias vantagens, e manifesta-se também, infelizmente, em nível político mediante atitudes de fechamento ou nacionalismos que colocam em questão aquela fraternidade de que o nosso mundo globalizado tanto precisa. Hoje, mais do que nunca, as nossas sociedades necessitam de “artesãos da paz” que possam ser autênticos mensageiros e testemunhas de Deus Pai, que quer o bem e a felicidade da família humana.

### **Não à guerra nem à estratégia do medo**

Cem anos depois do fim da I Guerra Mundial, ao recordarmos os jovens mortos durante aqueles combates e as populações civis dilaceradas, experimentamos – hoje, ainda mais que ontem – a terrível lição das guerras fratricidas, isto é, que a paz não pode jamais reduzir-se ao

---

6 Bento XVI, Discurso às Autoridades do Benim (Cotonou, 19/XI/2011).

mero equilíbrio das forças e do medo. Manter o outro sob ameaça significa reduzi-lo ao estado de objeto e negar a sua dignidade. Por esta razão, reiteramos que a escalada em termos de intimidação, bem como a proliferação descontrolada das armas são contrárias à moral e à busca duma verdadeira concórdia. O terror exercido sobre as pessoas mais vulneráveis contribui para o exílio de populações inteiras à procura duma terra de paz. Não são sustentáveis os discursos políticos que tendem a acusar os migrantes de todos os males e a privar os pobres da esperança. Ao contrário, deve-se reafirmar que a paz se baseia no respeito por toda a pessoa, independentemente da sua história, no respeito pelo direito e o bem comum, pela criação que nos foi confiada e pela riqueza moral transmitida pelas gerações passadas.

O nosso pensamento detém-se, ainda e de modo particular, nas crianças que vivem nas zonas atuais de conflito e em todos aqueles que se esforçam por que a sua vida e os seus direitos sejam protegidos. No mundo, uma em cada seis crianças sofre com a violência da guerra ou pelas suas consequências, quando não é requisitada para se tornar, ela própria, soldado ou refém dos grupos armados. O testemunho daqueles que trabalham para defender a dignidade e o respeito das crianças é extremamente precioso para o futuro da humanidade.

### Um grande projeto de paz

Celebra-se, nestes dias, o septuagésimo aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada após a II Guerra Mundial. A este respeito, recordemos a observação do Papa São João XXIII: “Quando numa pessoa surge a consciência dos próprios direitos, nela nascerá forçosamente a consciência do dever: no titular de direitos, o dever de reclamar esses direitos, como expressão da sua dignidade; nos demais, o dever de reconhecer e respeitar tais direitos”.<sup>7</sup>

Com efeito, a paz é fruto dum grande projeto político, que se baseia na responsabilidade mútua e na interdependência dos seres humanos. Mas é também um desafio que requer ser abraçado dia após dia. A paz é uma conversão do coração e da alma, sendo fácil reconhecer três dimensões indissociáveis desta paz interior e comunitária:

- a paz consigo mesmo, rejeitando a intransigência, a ira e a impaciência e – como aconselhava São Francisco de Sales – cultivando “um pouco de doçura para consigo mesmo”, a fim de oferecer “um pouco de doçura aos outros”;

<sup>7</sup> Carta enc. *Pacem in terris* (11/IV/1963), 24 (44).

- a paz com o outro: o familiar, o amigo, o estrangeiro, o pobre, o atribulado..., tendo a ousadia do encontro, para ouvir a mensagem que traz consigo;
- a paz com a criação, descobrindo a grandeza do dom de Deus e a parte de responsabilidade que compete a cada um de nós, como habitante deste mundo, cidadão e ator do futuro.

A política da paz, que conhece bem as fragilidades humanas e delas se ocupa, pode sempre inspirar-se ao espírito do Magnificat que Maria, Mãe de Cristo Salvador e Rainha da Paz, canta em nome de todos os homens: A “misericórdia [do Todo-Poderoso] estende-se de geração em geração sobre aqueles que O temem. Manifestou o poder do seu braço e dispersou os soberbos. Derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes (...), lembrado da sua misericórdia, como tinha prometido a nossos pais, a Abraão e à sua descendência, para sempre” (Lc 1, 50-55).

*Vaticano, 8 de dezembro de 2018.*

*FRANCISCUS*

## SERVO DE DEUS DOMINGOS EVANGELISTA PINHEIRO FUNDADOR DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS AUXILIARES DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE

IRMÃ TERESA CRISTINA LEITE

A vida é um dom Divino. Criado à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1, 26-27), o ser humano é um ser LIVRE, chamado a viver em comunhão com o Criador e a criação. No entanto, percebe-se que na história da humanidade nem sempre essa comunhão acontece. No Brasil, vivemos tempos desumanos com a escravidão de nossos irmãos negros. Isto feria a face de Deus estampada nas pessoas da raça negra.

No dia 28 de setembro de 1871, foi promulgada a Lei do Ventre Livre que, por uma parte, colocava em liberdade os filhos de escravos, mas, por outra, ameaçava a proposta evangélica da filiação adotiva (cf. Gl 4,5-6). Inúmeras crianças ficaram expostas a uma situação vulnerável e de risco, pois seus pais continuavam escravos. O Espírito que estava presente no ato criador continua presente na criação e suscita sempre novas formas de relação para recompor a comunhão sonhada por Deus.

Diante da forte ameaça sofrida por estas crianças indefesas, Monsenhor Domingos Evangelista Pinheiro sente o apelo evangélico de defender o direito humano de ser livre segundo o projeto salvífico de Deus. Por isso, ele se empenha no processo de conversão para transformar, por dentro, as estruturas da sociedade, a fim de que respeitem e promovam a dignidade da pessoa humana e lhe abram a possibilidade de alcançar

sua vocação suprema de comunhão com Deus e das pessoas entre si [cf. p. 678 dicionário de espiritualidade]. A atenção de Monsenhor Domingos se volta, sobretudo, para as meninas, visto que em nossa sociedade a mulher é menos favorecida.

Para concretizar sua fé e seguimento a Jesus Cristo, Monsenhor Domingos fundou, no dia 25 de agosto de 1878, o Instituto São Luís, com a missão de acolher as filhas de mulheres escravas. Monsenhor Domingos foi o verdadeiro ventre livre a acolher a humanidade escravizada, foi o solo da terra santa e bálsamo para a alma ferida. Sendo ele o Evangelista da Piedade, através de sua sincera caridade, permitiu que pessoas escravas se tornassem fecundas, geradas e arvorecidas no projeto libertador de Jesus Cristo.

Na história brasileira desta época, marcada pela desigualdade e injustiça, Monsenhor Domingos promoveu a igualdade educando e formando as primeiras professoras negras. Sua obra foi um berço da acolhida misericordiosa rompendo com a discriminação racial e selando a verdade de que todo ser humano é imagem de Deus no mundo. Por isso, todos nós somos livres para viver o dom da inteligência, abertos à realização do reinado de Deus no mundo. Assim, Monsenhor Domingos rompeu com a cadeia da lei que é servidão (cf. Gn 3,4) e mostrou à sociedade e à Igreja o rosto de Jesus, que é a revelação do ser humano livre! (cf. Jo 8,32; 2Cor 3,17; Gl 5,13).

A Lei do Ventre Livre ainda hoje ronda nossa sociedade. A palavra “ventre”, além do espírito literal, tem como representação o sentido figurado de âmago, íntimo, coração e alma. O ventre materno, o âmago e o coração, é hoje para nós o palco do cuidado para que o ser humano não caia no caos e na destruição da vida. Somos interpeladas a identificar todos os tipos de calvários e ameaças que se voltam contra o fruto do ventre materno: o ser humano.

Fomos criados para conviver uns com os outros. A vida é feita de encontros. Nestes devemos ser bênção na vida das pessoas. Isabel, ao se encontrar com Maria, proclamou: “Bendito é o fruto de teu ventre” (Lc 1,42). Simeão profetisa que uma espada de dor traspassaria a alma de Maria (cf. Lc 2,35). Quais as espadas que trazem profundas sombras no ventre, no coração, na alma dos pais que hoje clamam por seus filhos? Percebemos que Monsenhor Domingos, em sua trajetória, foi bênção derramada na vida de muitos. Ele cuidou dos frutos de muitos ventres que se encontravam em risco, consolou corações traspassados pela crueldade de alguns gananciosos.

Percebe-se que na história às vezes as leis humanas ignoram a lei do amor, que foi gerada no ventre de Maria, Jesus Cristo. Ele é o cumprimento da libertação de toda a humanidade. Viver em Cristo supõe que sejamos também agentes de libertação dos que se encontram escravizados. E isto é possível graças à Providência Divina que nos assiste pela ação do Espírito.

Monsenhor Domingos, diante da realidade de sua época, ao ver crianças indefesas e em situação de escravidão, acreditou na Providência Divina e deixou-se guiar pelo Espírito no intuito de ajudar aquelas crianças a crescerem com dignidade de filhas de Deus. Por isso, ele apontou Jesus nos braços de Maria, a Senhora da Piedade. Ela acolhe e ampara os filhos de Deus. E foi com ela que Domingos aprendeu a viver o projeto de Deus, que supõe vida plena para todos. Desta forma, ele também apontou, para o ser humano, o colo da Mãe como lugar do abraço, da acolhida, onde aquele que sofre se recompõe para assumir a jornada da vida, a sua jornada de filho. O olhar de Maria nos direciona para a planície, para o encontro com Cristo, lugar em que nossos irmãos são crucificados e esperam os sinais da ressurreição já nesta vida. Por isso, Monsenhor fundou uma Congregação de Religiosas, mulheres que geram vidas para o Reino de Deus.

Em 28 de agosto de 1892, Monsenhor Domingos fundou a Congregação das Irmãs Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade para ajudá-lo no processo de libertação das crianças filhas de escravos. No calvário da humanidade sofrida e escravizada, surgiu, sob a moção do Espírito Libertador, o Carisma das Irmãs Auxiliares: como Nossa Senhora da Piedade, elas deveriam ser mulheres geradoras de vida na acolhida aos crucificados mortos vivos na história. Trata-se de viver o dinamismo de Jesus de Nazaré que veio para que todos tivessem vida em abundância (cf. Jo 10,10).

A dinâmica da vida doada de Jesus passou pela cruz. Isto nos ajuda a refletir sobre a máxima revelação do amor de Deus por nós ao se deixar ser crucificado. No entanto, a última palavra não é da morte, mas sim da Vida. Desta forma, o calvário passa a ser um lugar que nos convoca a meditar nossa vida cristã. Ele pode ser um lugar de renovação, pois é local de perdão (cf. Lc 23,24). Todos passamos pela dor e pelo sofrimento, e querer fugir deles pode ser danoso, pois, “que adianta ao ser humano ganhar o mundo se ele perde sua vida?” (cf. Mt 16,26). É preciso reconhecer-se necessitado do perdão de Deus, acolhê-lo e, a partir do ser perdoado, perdoar os irmãos para juntos viverem o dinamismo do reinado de Deus, que supõe a fraternidade.



O calvário tornou-se para nós o lugar da filiação marial. Jesus, ao nos dar sua vida, nos oferta também sua Mãe (cf. Jo 19,26). O calvário é lugar onde testemunhamos a solidão humana, as noites escuras, as dores mais profundas e os gritos dos sofridos. “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?” (Mt 27, 46). No entanto, ele também é lugar de onde jorra a água da vida (cf. Jo 19,34) que, ao mesmo tempo, provoca em nós a sede que tinha Jesus (cf. Jo 19,28). Sede de dignidade humana, de justiça e de paz. O calvário é o espaço da consumação (cf. Jo 19,30), certeza da missão cumprida. Jesus vai até as últimas consequências para resgatar a vida e promover a esperança. Assim, Jesus nos ensina a sermos fiéis até o fim, pois o calvário é também o lugar da total confiança e entrega filial ao Pai. Jesus não morre no desespero, mas na confiança filial. “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23,46). Somos convidados a enfrentar a dor e o sofrimento, abandonando-nos nas mãos amorosas do Pai.

A partir desta experiência de cruz na vida de Jesus, Monsenhor Domingos fez uma profunda experiência do Deus encarnado na vida e, por isso, questionou as injustiças; convocou à conversão e congregou mulheres que o ajudassem no resgate da humanidade escravizada. Assim, ele queria que cada Auxiliar da Piedade fosse o “eco de sua voz e o suspiro de seu coração” (Conferência de Mons. Domingos – Fidelidade às Regras – pág. 38) na proclamação do amor misericordioso de Deus.

Diante da cruz que aquelas crianças carregavam, bem como seus pais que permaneciam escravos, o Fundador enxerga o Cristo que continua sendo crucificado nestas vidas inocentes. Por isso, ele lança o olhar para o alto, para a Serra da Piedade, a fim de buscar uma inspiração de como ajudar essas pessoas. Ele vê Maria, a Virgem da Piedade com Jesus, seu Filho, morto em seus braços. E entende que ele deve auxiliar estas pessoas em seu processo de libertação, pois foi para a liberdade que Cristo nos libertou (cf. Gl 5,1). Trata-se do próprio dinamismo do amor trinitário que sai em direção do ser humano para que este possa participar da vida de Deus (cf. 2Pd 1,4), afinal foi para isso que fomos criados. E só entraremos nessa dinâmica se formos livres tais como Deus nos criou. Aqui está a base do carisma das Auxiliares da Piedade.

A Trindade Santa contempla o mundo escravizado e suas entranhas se movem de compaixão pela humanidade. Monsenhor Domingos vivencia o amor misericordioso de Deus e, ao contemplar as dores da humanidade escravizada, congrega mulheres consagradas para, com alegria, defenderem e gerarem vida. Assim nasceu o jeito de SER e

de SERVIR das Irmãs Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade. Com piedade, Auxiliares Discípulas da misericórdia, inspiradas no Jeito de Ser do Pai. Com alegria, Auxiliares Proclamadoras da palavra libertadora, ao estilo evangelizador do Filho. Com sabedoria, Auxiliares Educadoras, na graça do Espírito Santo transformador. Desta forma, a Auxiliar da Piedade, ao estilo de Maria, coloca Jesus Cristo como centro no seio da humanidade a partir da experiência misericordiosa de Caná e do Calvário. Pautada nesta dinâmica trinitária de ser e servir, a CIANSP encunhou sua filosofia de vida: “educar-se para servir”.

Educar é tirar de dentro da pessoa aquilo que ela tem de melhor. O que está no mais fundo de cada pessoa é o próprio Deus, que é liberdade misericordiosa. Por isso, antes de ensinar, vivenciaremos esta dinâmica de crescimento. Lembrando o Evangelho de que “Jesus crescia em graça e sabedoria diante de Deus e das pessoas” (Lc 2,52). A palavra libertadora devolve ao ser humano a sua liberdade.

No entanto, como a Auxiliar viverá este carisma? A partir de uma espiritualidade do jeito de ser da Mãe da Piedade, que acolhe o Filho morto no colo, seu ventre, na perspectiva da ressurreição, da vida nova. Por isso, a espiritualidade das Auxiliares é Cristocêntrica Mariana. Com Jesus, aprende-se o modo de proclamar e viver a palavra libertadora e, com Maria, a Auxiliar aprende a viver sua maternidade fecunda auxiliando o Filho a libertar os que se encontram escravizados na história. Assim, a Auxiliar da Piedade deve ser uma mulher aberta à eterna novidade do outro sempre em construção, ter compaixão de aproximar-se com ternura e confiança daqueles que estão de alguma maneira escravizados e deve cultivar uma indignação ética frente às desfigurações que os sistemas opressores fazem com as pessoas. Onde há um desfigurado, morto-vivo, a Auxiliar da Piedade é convidada a acolher a pessoa e a lutar pela promoção de sua dignidade pelo processo de sua libertação. Daí nasce o sonho e a missão da Auxiliar da Piedade: fazer com que todo ser humano desfrute, na liberdade dos filhos de Deus, da riqueza que Deus preparou para nós em Cristo. Por isso, as Irmãs Auxiliares têm como ícone de devoção a Mãe da Piedade, pois nem a morte pode escravizar os filhos de Deus.

Alguns textos bíblicos fomentam a experiência espiritual das Auxiliares da Piedade. Dentre eles destacam-se duas perícopes de João, Caná 2,1-11, e o Calvário 19, 25-27. A partir da compaixão trinitária para com o mundo, faz-se uma síntese da leitura carismática das Irmãs Auxiliares da Piedade. A Trindade contempla o mundo escravizado

e tal situação move Suas entranhas e Ela se compadece dele. O Filho que já viria ao mundo mostrar ao ser humano como é ser filho, vem também para libertar o mundo. Desta forma, a Auxiliar da Piedade, ao estilo de Maria, coloca Jesus Cristo como centro no seio da humanidade a partir da experiência misericordiosa de Caná e do Calvário.

Em vida, Monsenhor Domingos cultivou uma imensa confiança na providência divina e, com o olhar sempre voltado para a Mãe da Piedade, foi instrumento do amor misericordioso de Deus na vida de todos que a ele acorriam em suas aflições.

Este santo Homem de Deus trabalhou incessantemente para libertar todo ser humano das marcas da opressão que aflige e adocece os corpos e almas. Sustentado por sua infinita fé e sabedoria espiritual, Monsenhor buscava a promoção da pessoa humana, que é criatura de Deus, acolhendo, em seu próprio coração, suas aflições e angústias, a fim de confortar e curar os males daqueles que necessitavam sentir-se dignos e, abençoando-os, e promovia a vida plena.

Em oração, ao querido Monsenhor Domingos, devemos acorrer em busca da força para a superação de toda opressão, aflição, angústia e medo que ferem nossos corações, corpos e almas nesta vida. Confiantes em sua poderosa intercessão, sentiremo-nos acolhidos na misericórdia divina e confortados na certeza de que somos, também, a face de Cristo promovida, acolhida, protegida e liberta pela fé deste santo Homem que será, para sempre, inspiração para uma vida pautada nos ensinamentos de Jesus Cristo, a exemplo da Mãe Maria.

## Resumo da Trajetória de Domingos Evangelista Pinheiro

Na cidade de Caeté, situada ao sopé da Serra da Piedade onde se encontra o Santuário de Nossa Senhora da Piedade, nasceu no dia 21 de julho de 1843 Domingos Evangelista Pinheiro. Seus pais foram o Capitão João Evangelista Pinheiro e Isabel Florentina da Mata e Silva, que tiveram sete filhos.

A vocação de Domingos nasceu ao frequentar o Santuário de Nossa Senhora da Piedade e ao contemplar mulheres negras, piedosas que, enquanto lavavam roupas, cantavam o cântico de Nossa Senhora: “no céu, quando, ó Rainha, poderei, poderei te amar? No céu, quando, ó Maria, me darás, me darás um lugar! A terra é um exílio de dor

e provação, mas encontro abrigo no teu coração” (Pioneiro – pág. 15). Essas singelas melodias à Virgem, este cântico de misericórdia, suscitaram-lhe o desejo de ser padre.

Aos quinze anos de idade, em 1859, ingressou no Seminário de Mariana. Devoto de Nossa Senhora da Piedade e cheio de alegria, ofereceu sua adolescência a Deus para amenizar as dores humanas e promover a libertação da vida, dom de Deus. Sua ordenação aconteceu no dia 17 de janeiro de 1869 (Pioneiro – pág. 18).

Como sacerdote, Monsenhor Domingos fundou, em 26/09/1875, a Irmandade de Nossa Senhora da Piedade para cuidar dos bens da Serra da Piedade, bem como do Santuário. Em 1878 fundou o Asilo São Luís para cuidar das filhas de escravos. “Nos seus estatutos, foi consagrado o Art. 17, parágrafo 5º, pelo qual se obrigava a erigir um asilo de órfãos e contribuir, com pecúlio correspondente às suas forças, para sustentação e engrandecimento do mesmo”. (Pioneiro – pág. 43). Em 18/02/1876 criou o Jubileu no Santuário Nossa Senhora da Piedade que acontecia de 15 a 22 de agosto. Em 25 de agosto de 1878 fundou o asilo São Luís para cuidar das filhas de escravos. Dentre tantas atividades, Padre Domingos realizou missões semanais levando a devoção de São José e de Nossa Senhora da Piedade ao povo e foi quarto guardião do Santuário. Era um missionário.

No intuito de continuar a obra iniciada na educação das meninas filhas de escravas, Domingos, sabendo-se mortal, fundou em 28 de agosto de 1892 a Congregação das Irmãs Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade. Ele iniciou a Congregação com doze jovens, que haviam sido cuidadas no Asilo São Luís. O Fundador queria que as Auxiliares da Piedade fossem mulheres geradoras de vida. Na Educação, libertando as mentes escravizadas; promovendo a formação humana e intelectual. Na área da Saúde, confortando e curando os enfermos; gerando esperança e vida digna. Na Igreja, auxiliando os sacerdotes na missão de proclamar a Palavra. Enfim, na hospitalidade, acolhendo com alegria a todos, sem distinção.

Em 1905, o Papa Pio X referiu-se a ele, destacando sua integridade, tenacidade, zelo religioso para com o ministério, atividade missionária, labor e cuidado em favor dos pobres, dos órfãos, dos enfermos. Como reconhecimento a tanta benemerência, a Santa Sé, em 24/11/1897, honrou-o com o título de MONSENHOR (Pioneiro – pág. 170).

Atento às necessidades do povo de seu tempo e sensível ao Espírito de Deus, Monsenhor Domingos abriu hospitais, asilos, colégios e

orfanatos. Ele queria que as Irmãs fossem acostumadas a qualquer tipo de trabalho, mas sempre com o intuito de promover a libertação do outro, para que fosse protagonista de sua história. Neste sentido, pode-se dizer que ele seguia o que Paulo diz: “foi para a liberdade que Cristo nos libertou (cf. Gl 5,1).

Por isso, “no confessionário, no púlpito e na direção das almas, o segredo do êxito está em levá-los pelo amor a Deus e não pelo temor”. Essa era a dinâmica pela qual Monsenhor Domingos trabalhava para acolher as pessoas que sofriam e propiciar-lhes a experiência da misericórdia divina.

Ao perceber que suas forças diminuía, Monsenhor Domingos entregou a direção da Congregação ao Pe. Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta. Era forte e constante em Monsenhor a confiança na Providência Divina. No dia 06 de março, de 1924, Monsenhor entregou seu espírito a Deus. Em seu velório vinha enorme romaria que circundava o esquife onde, inerte, estava o corpo do bondoso e santo sacerdote. A Igreja Nossa Senhora do Bom Sucesso ficou superlotada e todos queriam beijar os pés de Monsenhor Domingos como a sua derradeira despedida.

*(Obs.: o processo de beatificação do Servo de Deus Domingos Evangelista Pinheiro teve início em 15 de setembro de 2018).*

## ORAÇÃO PELA BEATIFICAÇÃO DO SERVO DE DEUS DOMINGOS EVANGELISTA PINHEIRO

*Pai Santo, / vosso amor misericordioso se manifestou, / copiosamente, no coração sacerdotal de vosso filho amado Servo de Deus Domingos, / zeloso e sábio, / simples e acolhedor.*

*Concedei-nos a dádiva da beatificação deste Homem de Deus, / sacerdote justo e bom. / Reconhecidos que somos ao considerar sua sabedoria espiritual, / dele nos faça aprendizes, inundando-nos no vosso amor misericordioso.*

*Certos de sua presença na presença amorosa e infinita do vosso amor, Pai Santo, / confiantes, / por intercessão de Monsenhor Domingos vos pedimos a graça...../*

*Comprometemo-nos em fazer o bem, / cuidar dos pobres, / Proclamar a Palavra / e fazer de todos os irmãos e irmãs / Auxiliares da Mãe da Piedade, / fecundando corações e mentes, / ambientes e sociedade / com a convicção do amor maior! / Amém.*

*Dom Walmor de Oliveira Azevedo*

## 25 ANOS DO MOSTEIRO NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA

DOM JOAQUÍN PERTÍÑEZ FERNÁNDEZ, OAR<sup>1</sup>

Fazendo um pouco de história, para nos situar no tempo, dar graças a Deus e fazer memória deste jubileu do Mosteiro N. Sra. da Esperança, principalmente para quem não conhece essa história.

Tudo começou no dia 25 de janeiro de 1992, na festa da Conversão de São Paulo. Um telefonema, de parte do Arcebispo Dom Clovis Frainer, informava da chegada a Juiz de Fora do Sr. Bispo de Rio Branco para conversar com Madre Paula, Abadessa do Mosteiro da Santa Cruz.

Recebido no parlatório pela Madre, Dom Moacyr foi logo expondo o motivo de sua visita: *“Seu desejo, e também de toda a sua Diocese, de acolher uma comunidade contemplativa em Rio Branco”*.

Disse ainda que era um sonho acalentado fazia 20 anos, desde que assumiu a Diocese. E insistia em dizer que não as necessitava para a pastoral, pois cerca de 70 religiosas já faziam esse trabalho na Diocese, com muito empenho e eficiência.

Ele desejava uma comunidade que *“por sua vida de oração, fosse um centro de acolhimento, atração e de irradiação em toda a Diocese, um espaço onde todos pudessem ser acolhidos para um aprofundamento espiritual, uma escuta mais atenta da Palavra de Deus”*.

---

1 Bispo de Rio Branco, Acre.

Mas não escondeu também as dificuldades da região: a infraestrutura precaríssima, o calor intenso, os conflitos de terra, desemprego, violência, pobreza imensa, etc.

Por outro lado, também falou de riqueza: o povo de Deus, formado em sua maioria por migrantes cearenses, pessoas simples, pobres seringueiros, colonos e índios. Gente de fé viva, generosa e operante.

A Madre Paula ouvia tudo atentamente, mas simultaneamente formulava um jeito de negar logo o pedido.

Assim, quando Dom Moacyr terminou, ela começou por alegar sua inexperiência para uma fundação, depois o número reduzido da Comunidade, as distâncias enormes (4.000 km desde o Rio de Janeiro), o calor e muitas outras desculpas que se forjam quando se depara com caminhos imprevistos. A cada uma das objeções, porém, Dom Moacyr retrucava com palavras cheias de sabedoria, tiradas do Evangelho ou da sua experiência de pastor e mestre de vida espiritual. Depois disso, Dom Moacyr pediu para conversar com a Comunidade. A Madre, um pouco constrangida, concordou, mas foi adiantando que a Comunidade, com toda certeza, não aprovaria uma “loucura dessas”.

Sem preâmbulos, reunido com a Comunidade, Dom Moacyr foi logo explicando o motivo de sua visita, e com grande espanto, a Madre Paula via que o interesse das Irmãs aumentava, à medida que Dom Moacyr expunha seus motivos. Perguntaram sobre a região, sobre a Igreja do Acre, sobre o próprio Dom Moacyr, etc.

A Madre, calada e muito comovida, acompanhava atentamente todas as reações da Comunidade.

Saindo do parlatório, tinha-se a impressão de que um incêndio se alastrara pela Comunidade: era o fogo do Espírito de Deus, que impulsionara Paulo, e que agora também impulsionava a Comunidade de Santa Cruz: evangelizar segundo o carisma monástico.

A partir daí não se falava mais em outro assunto. Refletiram, rezaram, conversaram. Numa última reunião, a Madre pediu a todas que escrevessem se estavam dispostas a assumir a fundação e se estavam disponíveis.

O desejo da Madre era que toda a Comunidade assumisse e não só aprovasse a fundação. Assim, o compromisso seria maior. O resultado foi além da melhor expectativa: todas assumiram, e oito se declararam “disponíveis”. Dessas oito, apenas quatro seriam as escolhidas.



Numa segunda visita ao Mosteiro, Dom Moacyr esperava a resposta. Fizeram várias reuniões com ele e não cessavam as perguntas. Da parte do Bispo nada mudara: *“Ele continuava a afirmar seu desejo de ter uma casa contemplativa, segundo o carisma beneditino e garantia - era esse o ponto mais fundamental para a Comunidade - a celebração eucarística diária”*.

No dia 27 de abril, fez-se a reunião capitular para votação deliberativa. Dom Moacyr ficou rezando o tempo todo na Capela.

Feita a votação, surpreendentemente, houve não só unanimidade para assumir a fundação, mas também uma alegria contagiante, *“um só coração e uma só alma...”* Imediatamente foram ao encontro de Dom Moacyr para lhe transmitir a alegre notícia. Ele irradiava felicidade: *“Deus ouvira sua oração”*.

E as escolhidas, entre as que se apresentaram como voluntárias, foram: Ir. Maria de Fátima Justiniano, Priora; Ir. Escolástica Uchoa, sub-priora; Ir. Joana Fajardo; Ir. Maria Salete Pessanha.

No dia seguinte, porém, a Madre pensava consigo mesma: *“E agora, meu Deus? Tudo estava tão bom! A casa cheia de jovens, a Comunidade tão bem! Por que justamente agora?”*

São os mistérios de Deus que ficam sem resposta, no plano meramente humano... Mãos à obra, pois!

A chegada das monjas ao Acre foi uma notícia que atraiu a atenção de todos. Até a imprensa mostrou-se receptiva diante do que nunca tinham visto. Um Mosteiro onde as monjas nunca saíam estranhava demais à população que falava toda classe de “fofocas” sobre elas.

Num jornal da época, além de fotos e comentários exaustivos sobre a vida de oração das monjas, o jornalista comentava, entre outras coisas: *“As monjas beneditinas estão há 16 dias no Estado. Vieram de Juiz de Fora, MG, para a instalação de um mosteiro, a pedido do bispo Dom Moacyr Grechi. As quatro monjas estão hospedadas no Centro de Treinamento da Diocese, próximo ao Teatrão.*

A Irmã Maria de Fátima, aqui presente hoje, explicou que elas se comparavam à raiz de uma árvore, que não aparece, mas é quem a sustenta. As Beneditinas, junto com outras Irmãs de vida contemplativa, são aquelas que dão sustentação à Igreja e à humanidade, na fé, através de suas fervorosas e constantes orações.

E, por fim, depois de todos os preparativos, limpezas e adequações para a vida monástica, o Mosteiro estava pronto para ser habitado pelas monjas.

O dia 10 de outubro de 1993, festa de Nossa Senhora de Nazaré, foi o dia escolhido para a bênção do novo Mosteiro Nossa Senhora da Esperança. A caminhada desde a Catedral até o Mosteiro, acompanhadas por mais de 3.000 pessoas de todas as faixas de idade e condição social, foi longa e sacrificada, cantando louvores à Virgem e rezando os mistérios do Rosário nas mais variadas intenções.

Na chegada ao Mosteiro, Dom Moacyr, desde um caminhão, que servia de palanque, dirigiu ao povo algumas palavras sobre o acontecimento e sobre o significado desse Mosteiro para a Diocese: *“A Igreja local, representada por aquele povo, queria colocar as monjas em sua casa, onde, a partir desse momento serviriam a Deus”*.

A Madre Paula, emocionada, também disse naquele momento: *“Confio minhas filhas à Igreja de Rio Branco, e conto com o apoio desta Igreja para fazer elas santas, vivendo o carisma de monjas beneditinas”*.

Dom Moacyr aspergiu o Mosteiro com água benta, rezando a bela oração para a bênção de uma casa religiosa, e a partir desse momento começou a nova vida do Mosteiro Nossa Senhora da Esperança, na Diocese de Rio Branco. Até aqui a história.

Um mosteiro contemplativo constitui um dom para a Igreja local a que pertence. Representando o seu rosto orante, torna mais plena e significativa a sua presença de Igreja.

Uma comunidade monástica pode ser comparada com Moisés, que, na oração, decidiu a sorte das batalhas de Israel, e também pode e deve ser comparada com a sentinela que vigia de noite à espera da aurora.

O mosteiro representa a própria intimidade de uma Igreja, o coração onde o Espírito geme e intercede continuamente pelas necessidades da comunidade inteira, e donde se eleva sem cessar a ação de graças pela Vida que ele nos concede a cada dia.

No último dia 08 de setembro, o Papa se encontrou em Roma com as participantes do Simpósio da União Internacional das Beneditinas e, entre outras palavras, lhes disse:

Hoje no mundo há muitas pessoas que procuram viver a ternura, a compaixão, a misericórdia e o acolhimento de Cristo na sua vida. A elas vós oferecis o dom precioso do vosso testemunho, quando vos fazeis

instrumentos da ternura de Deus para quantos estão em necessidade. O vosso acolhimento das pessoas de diferentes tradições religiosas contribui para levar em frente com união espiritual o ecumenismo e o diálogo inter-religioso. Há séculos que os lugares beneditinos são conhecidos como ambientes de acolhimento, de oração e de hospitalidade generosa. Faço votos para que, refletindo juntos sobre este tema e partilhando as experiências, façais emergir várias modalidades com as quais poder continuar, nos vossos mosteiros, esta obra evangélica essencial.

O lema “Ora et labora” põe a oração no centro da vossa vida. A celebração diária da Santa Missa e da Liturgia das Horas coloca-vos no coração da vida eclesial. Todos os dias, a vossa prece enriquece, por assim dizer, o “fôlego” da Igreja. É oração de louvor, com a qual dais voz à humanidade inteira e também à criação. É prece de agradecimento pelos inumeráveis e contínuos benefícios do Senhor. É oração de súplica pelos sofrimentos e pelas ansiedades dos homens e das mulheres do nosso tempo, especialmente dos pobres. É oração de intercessão por quantos sofrem injustiças, guerras e violências, e veem violada a sua dignidade. Não vos encontrais fisicamente com estas pessoas, mas sois suas irmãs na fé e no Corpo de Cristo. Não se pode calcular o valor da vossa prece, mas é certamente um dom muito precioso. Deus ouve sempre as orações dos corações humildes e cheios de compaixão.

“A cruz nos convida a sair de nós mesmos e ir em direção aos outros”, disse o papa Francisco.

O Mosteiro de Santa Cruz foi um adiantado aos tempos modernos, sendo um Mosteiro em saída, um Mosteiro corajoso, com monjas corajosas, com a Madre Paula à frente, como Igreja também em saída.

Portanto, eu acredito que o Mosteiro de Santa Cruz não foi apenas um incidente no nosso caminho, pois dele surgiu este Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança.

O Mosteiro de Santa Cruz foi o meio pelo qual a vida contemplativa entrou e ficou nestas terras acreanas, fazendo já parte mais de um quarto da história da nossa Diocese de Rio Branco.

Nestes 25 anos, o Mosteiro foi uma presença constante e orante, motivo e centro de esperança no meio de nossas tribulações e dificuldades.

A Madre Paula, desde o mais alto, estará contemplando este momento, e agora deve ter entendido plenamente o que naquele tempo não conseguia entender.

Nossos agradecimentos e nossas preces ao Deus Altíssimo para que receba a recompensa merecida pela sua generosidade em favor da nossa Igreja.

Deus sempre nos surpreende, como no caso do vinho novo, no Evangelho que ouvimos. E Deus também sempre nos reserva o melhor, quando acreditamos na sua graça e misericórdia.

Longe d'Ele, tudo é mais difícil. Com sua presença e proximidade podem até acontecer milagres, como em Caná da Galileia. Ninguém esperava. Ainda não tinha chegado sua hora. Mas Maria estava ali.

E, quando faltou o vinho, a água fria e insípida, converteu-se no vinho da esperança e da alegria. Tudo mudou!

Se nos aproximamos d'Ele, se permanecemos com Ele, aquilo que é dificuldade, aquilo que atrapalha nossa vida interna e, às vezes, nosso relacionamento com os irmãos, transforma-se em vinho novo de amizade com Ele e com todos.

Este Mosteiro, e por isso leva o nome de N. Sra. da Esperança, deve ser um lugar de esperança e de paz. Deve oferecer sempre a todos o vinho novo da alegria, Jesus Cristo. Deve testemunhar e indicar a todos o que Maria falou: *“Fazei o que Ele vos disser”*.

Caminhamos Rumo ao Centenário de nossa Diocese de Rio Branco e queremos que este Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança continue cumprindo sua função, por mais 25 anos, como mínimo, sendo essa presença orante da Igreja no meio da sociedade acreana, manifestando a credibilidade da mensagem da qual a Igreja é depositária e anunciadora, anunciando e testemunhando a fraternidade evangélica, com um silêncio operoso e eloquente, deixando que Deus fale no meio de nosso mundo, tão surdo, distraído e alheio às coisas do alto.

Terminando, faço minhas também as mesmas palavras que o Papa dirigiu às monjas beneditinas no Simpósio do mês de setembro:

*“Vós ofereceis um dom precioso à vida da Igreja com o testemunho feminino de bondade, fé e generosidade, à imitação da Santa Mãe da Igreja, a Virgem Maria.*

*Vós sois ícone da Igreja e de Nossa Senhora: não vos esqueçais disto. Ícone. Quem vos vê, vê a Igreja Mãe e Nossa Senhora, Mãe de Cristo”*.

Por tudo isto louvamos e agradecemos ao Senhor!

Que Nossa Senhora da Esperança, padroeira deste Mosteiro, interceda também por toda nossa Diocese de Rio Branco. Amém!

# MARIA, MULHER DESDOBRÁVEL

IRMÃ ANNETTE HAVENNE<sup>1</sup>

A figura de Maria de Nazaré, Mãe de Jesus, tornou-se logo cedo na história da Igreja inspiração para o estilo de vida cristã. Mas, será que ela continua sendo uma provocação pertinente no caminho do discipulado? O que ela, que foi tão pouco midiática, tem a dizer, não somente para a vida cristã, mas também para as várias formas de Vida Religiosa Consagrada (VRC), hoje?

## Maria no Facebook da história da Igreja

Não pretendo retomar, nesta reflexão coloquial, que desejo livre de muitas notas de rodapé, as inúmeras peripécias da Mariologia<sup>2</sup> ao longo dos séculos, mas, pontuarei, na primeira parte desta reflexão, alguns elementos relevantes da figura de Maria para a VRC.

Aquela que no evangelho de Marcos era sobriamente mencionada como “A mãe dEle” (Mc 3,31) toma feições concretas e proativas nos evangelhos segundo Lucas e João. Talvez porque as comunidades cristãs, naquele momento do seu desenvolvimento em outras culturas, procuram e encontram em Maria um modelo evangélico de discipulado, relações, liderança e missão!

Os Padres da Igreja, os ícones gregos e orientais, os primeiros Concílios ecumênicos e as primeiras basílicas cristãs dão a Maria um lugar “bem

1 Nasci na Bélgica. Desde 1976, vivo em comunidades de inserção no Nordeste do Brasil. Exerço meu ministério na área da formação, acompanhamento espiritual e assessoria junto a CRB.

2 Murad, Afonso, Compêndio de Mariologia, p 13!

perto do seu Filho”, mas parece que assim ela vai se distanciando de nós, como uma rainha de cetro, manto e coroa. Enquanto a mulher comum perde voz ativa e passiva nas comunidades, a devoção à “*Theotokos*” vai crescendo... num fenômeno de medo e atração pelo feminino, que nem Freud, apesar de tanto falar em transferências, realmente “explica”!

Na Idade Média, os místicos contemplam o início “simbólico” da VRC no diálogo entre João e Maria ao pé da cruz, ambos seduzidos pelo amor de Jesus. Não é nossa vocação, antes de tudo, uma questão de sedução? João, diz o texto do quarto evangelho, “a levou para sua casa” (Jo 19,27), mas poderíamos arriscar uma tradução mais fiel ao texto original: “João a levou para tudo que era seu”.

Sim, a VRC leva Mãe Maria para tudo que é seu. E à precisão dos termos teológicos, une-se, de um modo muito feliz, sobretudo a partir de São Bernardo, a ternura do coração filial. Que aconchego esta última antífona cisterciense, vinda da mais antiga oração conhecida a Maria, rezada nas Completas e que deposita angústias e terrores noturnos debaixo do manto da Mãe:

*“À vossa proteção recorremos, Santa Mãe de Deus.  
Não desprezeis as nossas súplicas em nossas necessidades,  
mas livrai-nos sempre de todos os perigos,  
ó Virgem gloriosa e bendita!”*

Depois da revolução francesa, no século XIX, o século mariano, são inúmeras as “comunidades novas”, muitas delas femininas, apostólicas e reunindo gente jovem oriunda de famílias simples, que se colocam sob essa proteção. Entre elas a minha congregação, “Irmãs de Santa Maria”, que completa, em 2019, duzentos anos de caminhada. Só na França, nascem, naquela época, mais de 50 Congregações, “marianamente” nomeadas. E aqui cabe uma menção carinhosa também aos nossos Irmãos Maristas.

A vida cristã, e em particular a VRC da nossa “Latina América”, ficou profundamente marcada por esta influência mariana. Se é histórico o fato de que Cabral trazia consigo, por ocasião da sua viagem de “descoberta”, uma imagem de Nossa Senhora da Esperança, está difícil de comprovar. Mas, é só olhar para as faces daquelas e daqueles que “miram” Maria de Guadalupe, Maria Aparecida e as tantas outras Marias presentes entre nós, para intuir e perceber que ela representa o sinal luminoso da nossa comum esperança. Dê uma olhada para trás quando você está na fila dos devotos em Aparecida!

Porém, hoje, o que Maria tem a dizer de novo ao coração dos seus filhos consagrados e filhas consagradas? Ela esta ativa no “*heart book*” da sua comunidade?

## Maria, mulher desdobrável

A partir deste momento, a intuição que me conduz vem de uma poesia de Adélia Prado, que vou aqui reproduzir:

“Quando nasci um anjo esbelto,  
 desses que tocam trombeta, anunciou:  
 vai carregar bandeira.  
 Cargo muito pesado pra mulher,  
 esta espécie ainda envergonhada.  
 Aceito os subterfúgios que me cabem,  
 sem precisar mentir.  
 Não sou tão feia que não possa casar,  
 acho o Rio de Janeiro uma beleza e  
 ora sim, ora não, creio em parto sem dor.  
 Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.  
 Inauguro linhagens, fundo reinos  
 - dor não é amargura.  
 Minha tristeza não tem pedigree,  
 já a minha vontade de alegria,  
 sua raiz vai ao meu mil avô.  
 Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.  
**Mulher é desdobrável.** Eu sou.”

Nunca é bom se arriscar a comentar e tentar interpretar a poesia dos outros. Simplesmente sabendo que Adélia Prado tem um jeito bem próprio de misturar profano e sagrado a partir da sua vida e da espiritualidade cristã, acho interessante prestar atenção, neste texto eminentemente vocacional, ao pano de fundo bíblico, numa espécie de leitura orante poética:

Um homem que fica coxo depois de uma luta com um anjo... (Gen 32,23-33).  
 Uma vocação feminina anunciada por um anjo... (Lc 1,26-38).

O que têm em comum e o que têm a ver conosco a luta de Jacó com o anjo e a anunciação a Maria? Não são ambas narrativas de como os seres humanos, quer sejam homens, quer mulheres, são tocados por Deus e reagem à experiência d’Ele?

Permitam-me então propor Maria como a pessoa profundamente livre que a vocação, o pedido, a presença de Deus na sua vida não aleija, não faz mancar, antes torna mais ampla, mais intensa, mais profundamente humana, mais fecunda! Mulher é desdobrável, eu quero ser! Pois não decidimos dizer SIM a Deus para sermos pessoas tristes, estêreis ou apagadas... O evangelho é boa e alegre e reconfortante alegria.

## Ser desdobrável...

Um olhar para a semântica da palavra **desdobrável** nos refere à capacidade de um objeto ou de uma pessoa se desdobrar. Em se tratando do ser humano, ser desdobrável sinaliza uma qualidade, uma transformação que abre, amplia, aumenta, intensifica os recursos, a capacidade de ação, a presença significativa. Novas possibilidades aparecem, novas habilidades surpreendem, a dedicação atinge um campo maior!

Justamente o oposto das nossas tímidas reações diante do inesperado ou do diferente: “Não é minha zona de conforto, não é minha praia, nunca fiz, não me identifico”! Provocada pelas circunstâncias, por um novo apelo, a pessoa desdobrável enfrenta, desafia, faz-se presente por inteiro, empenha-se com autenticidade, dá o melhor de si. Não perde sua identidade, mas se torna uma nova e melhor versão de si mesma, e aqui uso a palavra versão em referência a Windows 7, 10, 20!

Uma pessoa assim, no Nordeste, recebe uma linda benção da boca do povo simples e sábio: “Minha filha, que Deus lhe aumente sempre mais!”

## Símbolos bíblicos e arquétipos

Desdobrável não é um conceito que costumamos associar a um estudo ou personagem da Bíblia. Porém, uma imagem frequente nos textos proféticos do Primeiro Testamento o ilustra de um modo concreto e dinâmico através do símbolo da **tenda**, muito significativa numa cultura de origem nômade. O que você, religioso, religiosa, sente e pensa quando lê a palavra tenda? Abrigo, proteção, leveza, itinerância... Quem nos dera restaurar uma VRC “de tendas” e vivenciar nossas assembleias e capítulos como “festas das tendas” lembrando nossos humildes inícios e nossas Belém... hoje transformadas em palácios, muitas vezes desconfortáveis é verdade, mas ainda tão imponentes!

Por três vezes no livro de Isaías aparece a imagem da tenda para falar da cidade de Jerusalém.



Em Is 33, 20, a tenda-Jerusalém é moradia segura, cujas “estacas não saem do lugar, cordões não se soltam”. Todos nós precisamos deste lugar referencial, seguro, estável em qualquer canto do nosso coração.

Já em Is 49, 20, os filhos e filhas da cidade amada por Deus se multiplicam e reclamam: “O lugar está apertado para mim, dá-me espaço para que possa me abrigar!” Ampliação, crescimento, fecundidade à vista! Não podemos perder o elã missionário, a vontade de ampliar os horizontes.

A imagem da tenda é retomada ainda em Is 54, 1-3, agora como promessa de restauração:

“Eleva aclamações, tu estéril, que não davas mais à luz.  
Explode em aclamações e vibra, tu que não geravas mais.

...

Dilata o espaço da tua tenda,  
Ligeira estende tua lona  
- nada de economia-  
Estica a corda, finca a estaca!  
Pois à direita e à esquerda vai transbordar.”

Vamos de surpresa em surpresa, pois, junto ao símbolo da tenda, aparece agora o arquétipo do **útero**, órgão extensível, desdobrável por excelência, lugar da fecundidade, da vida. Síntese do misterioso feminino, o útero não serve “de nada” para a própria pessoa, sua função primeira é dar espaço, acolher o outro! Neste sentido, o simbólico nos faz transcender as diferenças sexuais, e a palavra profética não vacila em nos dizer que Deus tem útero, entranhas de misericórdia! (Jr 31,20)

“Minhas entranhas se comovem, e eu cedo à compaixão, oráculo do Senhor!”

Chegando ao Novo Testamento, essas imagens impressionantes, despojadas do seu esplendor, apontam discretamente, mas com todo vigor, para a jovem de Nazaré, humilde camponesa do interior, Filha de Sião, cheia de graça, depositária das promessas divinas que se abre, faz-se disponível, desdobra-se em pura capacidade de acolher o Salvador!

## Os desdobramentos da vocação e missão de Maria

Por que não retomar, então, especialmente neste mês de maio, com olhos novos e coração contemplativo, os mistérios do Rosário? Somente para

acompanhar e saborear e se inspirar nos caminhos da graça na jovem de Nazaré! Por que não se deixar tocar de novo por essa rosa que desdobra suas pétalas... o que não tem nada de romântico, mas é extremamente existencial! Pois, como qualquer um de nós, ela caminha na fé, como tão bem o expressou o Concílio Vaticano II (LG 8), e os eventos, o seu próprio filho, o plano de Deus “esticam”, desdobram sua capacidade de crer.

Não seguirei os mistérios à risca, tentarei ponderar os desdobramentos mais evidentes do processo de maturação da sua fé, a inspirar o nosso próprio itinerário.

### No mistério da anunciação, contemplamos:

A jovem que **se abre** para a experiência de Deus e se compromete com a realização, a encarnação da Palavra. “Faça-se em mim” (Lc 1, 38). A vocação a perturba, a questiona, mas não a fere, como feriu a Jacó. Antes, a torna fecunda. Ela se oferece como tenda para acolher o Verbo. Mais tarde, no prólogo do seu evangelho, João, o discípulo companheiro dos últimos anos de Maria, aquele que a abrigou na sua casa, poderá exclamar: “E o Verbo se fez carne e plantou sua tenda em meio a nós” (Jo 1,14).

### No mistério da visitação, contemplamos:

Maria, que **amplia** o campo das suas preocupações, sai da esfera doméstica e corre depressa para as montanhas da Judeia a visitar Isabel. Lá, a partilha espiritual com outra mulher desdobrável, mas ainda “envergonhada” diante do novo que acontece, ajuda Maria a reconhecer a sua bem-aventurança! (Lc 1, 39-45).

### No mistério do Magnificat, contemplamos:

A bendita entre as mulheres, que relê e canta sua experiência de vida e que, depois de dois versículos, **estende** seu olhar muito além de si e agradece pelas entranhas misericordiosas do Pai, que desdobra de geração em geração seu plano de amor sobre seu povo (Lc 1, 46-56).

### No mistério do nascimento em Belém, contemplamos:

A mãe que dá à luz no lugar mais improvável, uma estrebaria. Ela **desdobra** panos, **envolve** o menino, cerca-o de cuidados... e **o oferece** a essa gente humilde que vem vê-lo. É para eles que Jesus nasceu! (Lc 2,1- 20).

## No mistério da apresentação, contemplamos:

A jovem mãe que **oferece tudo de si, entregando** o Filho a Deus, no seu templo. E deixando que o menino passe de mão em mão: Simeão, Ana... Ela acolhe também a dor da espada, da luz frágil em meio às trevas da contradição. Ela entra no caminho do evangelho do seu Filho, como ele é, sem ilusões, nem idealização (Lc 2, 21-40).

## No mistério das bodas de Cana, contemplamos:

A mulher madura, atenta aos outros, **desdobrando-se em atenção** para que não falte nada na festa. Ela, com sua autoridade de mãe, empodera Jesus na sua missão e realiza a travessia mais desafiadora: tornar-se discípula do seu filho e com humildade segui-lo. Isso também significa **crescer** na fé! (Jo 2, 1-12).

## Durante a vida pública, contemplamos:

A mãe do jovem profeta de Nazaré, aprofundando seu ser discípula, **desenvolvendo a capacidade** de escutar e viver a Palavra do seu Filho. Meditando e guardando tudo no coração, ela **amplia** o conceito de família! (Lc 8,19-21).

## Na crucifixão, contemplamos:

A **resiliência e o crescimento** de Maria na fé, sua **acolhida** materna à comunidade do seu Filho na pessoa de João. Em silêncio e em meio à dor (Jo 19, 25-27).

**Na ressurreição...** não temos nada a contemplar, só podemos imaginar o encontro dos dois.

## No Pentecostes, contemplamos:

A **presença por inteiro** daquela que concebeu Jesus pelo poder do Espírito e agora simplesmente está com a comunidade cristã, rezando, implorando, louvando... Ícone desta comunidade que agora **se desdobra e sai** para anunciar! (At 1, 12-14 At 2,1-4) .

Então o bom velho terço nos faz a provocação mais ousada que a VRC precisa ouvir neste momento: ser uma comunidade desdobrável, **viver marianamente!**

O papa Francisco não para de nos lembrar que a Igreja tem rosto de mulher e coração de mãe. Ele retoma assim uma das intuições que nos vem da eclesiologia dos santos Padres, realçando, ao lado do ministério petrino, a vocação mariana da comunidade cristã.

Sem dúvida, uma Igreja mariana é tenda feita para acolher a todos e todas, a começar pelos mais fracos, tão contemplados por nossos fundadores e fundadoras: as crianças desamparadas, os jovens sem referencial, órfãos de pais vivos, os anciãos excluídos do convívio social, e todos os deslocados e migrantes das nossas sociedades desorientadas, buscando equilíbrio entre valores e direitos humanos.

A pastoral da criança, da educação dos jovens, da pessoa idosa, dos migrantes, dos hospitais, da escuta, carcerária... são alguns dos desdobramentos que dizem respeito aos nossos carismas fundacionais e que precisamos rever. Hora de sair da leitura deste artigo e de passar para a partilha comunitária e para a ação!

Hora de passar para um modelo de comunidade menos autorreferencial, menos clerical, menos afobada na ação, menos engessada e triste, menos do dever e mais das novas possibilidades, desdobrando as inúmeras pregas das nossas mantas. Afinal, já se perguntou por que Maria quase sempre é representada com um manto mais de pastora do que de rainha?

### **Perguntas para reflexão pessoal e comunitária**

- O que “Maria, Mulher desdobrável” fala ao meu coração?
- Que questionamentos esta pequena reflexão provoca em relação ao meu/ nosso “estilo de vida”?
- Aponte uma intuição do que seria para a VC viver hoje marianamente.

# O SENTIDO E A RELEVÂNCIA DA VIDA CONTEMPLATIVA E DA VIDA MONÁSTICA HOJE

VERA LÚCIA PARREIRAS HORTA, OSB<sup>1</sup>

Escrevo este artigo a pedido da redação da Convergência sobre o sentido e a relevância da vida contemplativa num contexto de ateísmo, de secularização e de laicismo. Acrescento vida monástica por ser a que conheço mais de perto. Enquanto procuro respostas, deparo-me com a esperada notícia da beatificação dos mártires da Argélia:

Assassinados por ódio à fé, por terem testemunhado o amor de Cristo e terem escolhido permanecer na Argélia entre os habitantes locais, nos anos sombrios do terrorismo. Foi o destino comum dos 19 religiosos que neste sábado foram beatificados no Santuário de Notre-Dame de Santa Cruz, em Oran, na Argélia, na presença de muitos muçulmanos que, como declara Dom Desfarges (Arcebispo de Argel), querem “ênfatizar que não foi o islamismo a matar, mas uma ideologia que desfigura essa religião” (www.vatican News, 08.12.2018).

Dentre os mártires, os sete monges trapistas do Mosteiro de N. Sra. do Atlas, em Thibirine<sup>2</sup>. Grande o significado da presença da comunidade monástica na aldeia muçulmana diante da crescente onda de terrorismo. Os aldeões comparam os monges aos galhos de uma árvore, onde, como os pássaros, eles encontram refúgio. Importa aqui notar que os

1 Vera Lúcia Parreiras Horta OSB – Mosteiro do Salvador – SALVADOR – BA.

2 “De Homens e Deuses”, filme premiado no Festival de Cannes em 2010, tornou o episódio conhecido no mundo inteiro.

monges estão lado a lado com o Bispo de Oran e os outros mártires, sacerdotes, missionários e missionárias. Todos juntos proclamam a possibilidade da convivência pacífica, conforme continua a notícia:

É a primeira vez que mártires cristãos são proclamados beatos em um país muçulmano, um sinal importante, explica o arcebispo, demonstrando que “as autoridades entenderam o verdadeiro sentido que queremos dar a esta celebração: dar testemunho de que é possível viver juntos, caminhar juntos, fiéis ao lado de fiéis” (idem, 2018).

O fato bastaria para responder à pergunta colocada sobre o significado e relevância do estilo de vida contemplativo. Conforme correspondência trocada entre dois conhecidos pensadores do mundo monástico, mais tarde copiladas em livro, o monge trapista americano, Thomas Merton, e o monge beneditino de Luxemburgo, Jean Leclercq, afirmavam já em 1968 que “A vocação do monge no mundo moderno... não é de sobrevivência, mas de profecia”. Diziam ainda que “ao invés de preocuparmo-nos com a sobrevivência da vida monástica, devemos preocupar-nos em tentar fazer dela um fenômeno profético”. Foi o que nos falou Padre Michael Casey OCSO<sup>3</sup>, em um encontro promovido pela Conferência de Intercâmbio Monástico do Brasil<sup>4</sup> e realizado no Mosteiro de S. Bento do Rio de Janeiro.

O apelo à dimensão profética da Vida Religiosa Consagrada (VRC), em especial, da vida monástica e contemplativa, vem desde a figura de João Batista, o profeta-monge do deserto, até encontrar, nos primeiros séculos, a pessoa de Santo Antão. O profetismo define o ser de monges, monjas e de contemplativos, enquanto buscam ser pessoas da experiência de Deus que possam testemunhá-la pela própria vida. Sabemos como Santo Atanásio, biógrafo, fez questão de pontuar a Vida de Antão com a figura de Elias. No Monte Tabor, Elias representa todo o profetismo até Jesus, o Profeta por excelência, aquele que conhece a Deus, dele fala e o anuncia por palavras e pela vida.

Por ocasião do centenário da Carta Apostólica *Orientalium Dignitas* (1894) de Leão XIII, S. João Paulo II promulgou a Carta Apostólica *Orientalium Lumen*, na qual defende igualmente o significado das tradições orientais para a Igreja inteira. Nota como os mosteiros cristãos do

3 CASEY, M, Seguimento de Cristo em Fidelidade Criativa, Rio de Janeiro, pro manuscrito, 2016. Cf. MERTON, T e LECLERQ, J, “Survival or Prophecy” - the correspondence of Jean Leclercq and Thomas Merton, Collegeville, 2008, Minnesota, EUA.

4 Conferência de Intercâmbio Monástico do Brasil, CIMBRA, é fruto do Concílio Vaticano II. Reúne todos os que no Brasil seguem a Regra de S. Bento em suas variadas expressões e denominações. Seus encontros periódicos a vários níveis reúnem membros das comunidades masculinas e femininas.

Oriente têm um lugar de destaque na transmissão da fé cristã, através de oito parágrafos dedicados à vida monástica. Veja-se, por exemplo:

O mosteiro é o lugar profético no qual a criação se torna louvor de Deus, e o preceito da caridade, vivida concretamente, se torna ideal de convivência humana, e onde o ser humano procura Deus sem barreiras nem impedimentos, tornando-se referência para todos, levando-os no coração e ajudando-os a procurar Deus. (J. Paulo II, *Oriente Lumen*, n. 9, 1995).

## Muito interessante também o que diz sobre o monaquismo feminino:

Desejaria recordar também o fulgurante testemunho das monjas no Oriente cristão. Ele representa um modelo de valorização da especificidade feminina na Igreja, forçando mesmo a mentalidade do tempo. [...] O carisma da monja, com as características que lhe são específicas, é um sinal visível daquela maternidade de Deus à qual muitas vezes alude a Sagrada Escritura. (J. Paulo II, *Oriente Lumen*, n. 9, 1995)

Em 1888, a Confederação Beneditina havia recebido do mesmo papa Leão XIII a missão de promover o ecumenismo, devido a ser, o monarquismo, anterior a toda divisão entre cristãos. Gostaria de salientar a atração exercida pelos mosteiros do Monte Athos e o monaquismo ortodoxo em geral, além de comunidades modernas como as de Taizé, na França, e Bose, na Itália, ambas com perfil ecumênico. A grande irradiação dessas comunidades é um sinal eloquente da relevância da forma de vida. A busca de Deus na forma monástica se encontra em uma pluralidade de religiões mesmo antes do cristianismo, como, por exemplo, no monaquismo budista. Desde 1978, foi criado na Aliança Inter Monástica, (AIM)<sup>5</sup> um setor próprio para o Diálogo Inter-religioso Monástico (DIM), que promove encontros frequentes entre mosteiros orientais não-cristãos e mosteiros europeus cristãos.

No ano de 2018, de 12 a 20 de outubro, realizou-se em Taiwan, no Mosteiro budista Fo Guan Shan, mais um desses encontros, contando com 100 participantes. Pela primeira vez, esteve presente uma abadessa brasileira, Madre Escolástica Ottoni de Mattos, OSB, da Abadia de Santa Maria, SP, que escreveu suas impressões ao voltar ao Brasil. Cito aqui alguns trechos de seu relato:

5 AIM, com sede, em Vanves, na França, é um organismo composto por representantes de todas as modalidades de vida monástica que seguem a Regra de S. Bento. Seu objetivo é sustentar comunidades monásticas da família beneditina em âmbito mundial, sobretudo em relação à formação.

Foi uma porta que se abriu e me permitiu contemplar uma luz diferente que não ofuscou a minha, mas lhe deu novo brilho. [...] O sentimento que me perpassou todo o tempo foi o de que, embora estejamos em barcos diferentes, navegamos na mesma direção. (DIM, pro manuscrito, 2018)

Madre Escolástica constatou muitos pontos de semelhança entre as monjas budistas e as monjas cristãs, como fala em algumas passagens:

Foi interessante ver que as bikkuni fazem muito do que habitualmente fazemos em nossos mosteiros, elas também têm pressa e correm como nós, e levam a vida tão a sério ( como nós!) que são capazes de dar boas risadas (como nós!); e também gostam de sorvete, como nós! (DIM, pro manuscrito 2018).

Interessante a menção à hospitalidade, tradição monástica desde os tempos dos Pais do Deserto: “Até o momento eu imaginava que a melhor hospitalidade começasse com B de Beneditina. Agora sei que tem dois BB: Budista e Beneditina!!” (DIM, pro manuscrito, 2018)

Para a abadessa brasileira, o tempo foi muito pouco para assimilar tudo que via, e despertou-lhe o desejo de promover um encontro semelhante em seu mosteiro no Brasil. Estes encontros favorecem a proximidade e a apreciação mútuas, tão necessárias diante dos episódios de intolerância religiosa que vemos hoje, para vencer as distâncias e suspeitas que possam existir. Durante um encontro da chamada CIMBRA JOVEM, de professos e professoras trienais, houve uma visita a um templo budista de S. Paulo. A maioria dos visitantes ficou impressionada com o clima de reverência e silêncio encontrado, mas alguns não se sentiram à vontade para entrar em um templo não-cristão. Bem diferente do que aconteceu com a Madre Escolástica ao se despedir da monja budista de Taiwan: “*Uma bikkuni me deu um presentinho. E eu dei outro a ela. Depois trocamos mensagem por WhatsApp. Eu escrevi: “Amigas para sempre”. E ela me respondeu: “Irmãs para sempre”*” (DIM, 2018). Tudo o que foi dito pode nos ajudar a entender melhor o fenômeno monástico que, desde o século XVI, está presente em nosso país, bem como o significado das várias famílias de vida contemplativa aqui chegadas mais tarde.

Na história da Igreja mais recente, a figura do São João XXIII foi profética ao idealizar e convocar o Concílio Vaticano II, que completou 50 anos de realização em 2015. Este acontecimento foi semente de inúmeras iniciativas, tais como a própria CRB Nacional, que celebrou o Jubileu de Ouro em 2016. Em novembro de 2017, também a CIMBRA



celebrou seu Jubileu de Ouro, que levantou interrogações parecidas com as que nos foram colocadas para este artigo<sup>6</sup>:

Terá a CIMBRA contribuído para fazer crescer nos monges e nas monjas do Brasil a consciência [...] de serem chamados, junto com a igreja e segundo o próprio carisma, a responder à única missão de testemunhar a boa nova do Evangelho, escutando as exigências e os desafios da sociedade brasileira, sempre mais secularizada, mas também perpassada por novas buscas de espiritualidade? (BARGELINI, pro manuscrito, 2017).

Gostaria de evidenciar alguns pontos dos muitos pronunciamentos do papa Francisco à VRC, como, por exemplo, ao dirigir-se aos Superiores Maiores das Congregações Masculinas reunidos em Roma em 2013<sup>7</sup>. O Papa pediu que *“todos fossem testemunhas de uma forma diferente de viver”*. O diferente pode ser a perspectiva escatológica, que os contemplativos têm por missão lembrar, meta final de todos. Continua o Santo Padre: *“Trata-se de deixar todas as coisas para seguir ao Senhor”*, pois *“os religiosos seguem ao Senhor de forma especial, seguem-no profeticamente”*. Os monges de Thibirine deram claro testemunho do seguimento do Cristo até o derramamento do sangue, evidenciaram a característica do profetismo como um dos elementos essenciais da vida monástica e contemplativa.

Bernardo Bonowitz OCSO<sup>8</sup>, em sua fala durante o Jubileu da CIMBRA, em 2017, perguntou: *“O que o mundo e a Igreja estão pedindo de nós? Será que eles têm pedidos hoje em dia para os seguidores da Regra de São Bento?”* E ele mesmo respondeu: *“Têm, sim. Tanto o mundo quanto a Igreja têm expectativas, fundadas no respeito e confiança que eles sentem por nós”*. Para justificar sua resposta positiva, Dom Bernardo citou dois livros, a saber, A Opção Beneditina e O Monge e o Executivo<sup>9</sup>, este último, mais conhecido dos leitores brasileiros. Continua Bonowitz: *“Os livros apontam para pedidos (cada livro de sua maneira) que a sociedade atual nos apresenta”*.

Comenta, a partir do primeiro livro, como muitos leigos, vivendo em uma *“sociedade pós-cristã e às vezes anticristã, veem na vida segundo a Regra um modelo para comunidades verdadeiramente cristãs”* e enuncia que isto se dá pelo *“ensinamento da fé, seu teocentrismo e cristocentrismo, sua auto-transcendência e esforço para abraçar o bem comum, sua fidelidade aos valores*

6 Prior do Mosteiro da Transfiguração, Mogi das Cruzes, SP, 2017.

7 PAPA FRANCISCO, Diálogo com os Superiores Gerais, 29.11. 2013, in Revista IHU. on line.

8 Bernardo Bonowitz, Abade da Trapa N. Sra. do Novo Mundo, Paraná.

9 DREHER, Rod e PERRONI, A Opção Beneditina: Uma estratégia para cristãos no mundo pós-cristão, 2018, Ed. Ecclesia; HUNTER, James, O Monge e o Executivo, Ed. Sextante, 2004.

*profundamente morais do Evangelho*". O autor do livro ainda indica a oração contínua. Gostaria aqui de lembrar a fidelidade silenciosa de tantas comunidades monásticas e contemplativas em seu cotidiano, tecido de oração e trabalho. A maioria dessas comunidades não é notícia na mídia.

Segundo Bonowitz, o livro *A Oração Beneditina* nota como as pessoas buscam os monges e monjas para uma parceria, uma amizade espiritual. A frequência das pessoas aos parlatórios é uma experiência comum a todos os mosteiros e conventos contemplativos, e a escuta aparece aqui como um dos grandes serviços prestados por essas comunidades, bem como a intercessão por situações concretas que lhes são confiadas.

Outra consideração do Abade trapista é que o autor de *O Monge e o Executivo* "*busca na Regra e nas comunidades monásticas uma sabedoria que torna possíveis novos esquemas de convivência humanos: novas compreensões de relações de autoridade e de obediência, de colaboração fraterna - um clima mais verdadeiramente humano*". Com certeza essa busca provoca nossas comunidades a desejar que o sejamos de fato!

Voltemos ao ano de 2014, declarado pelo papa Francisco, Ano da Vida Consagrada. Nesse mesmo ano chegou a todas as casas contemplativas femininas do mundo um questionário vindo da Santa Sé sobre como se concretizava a vocação contemplativa e monástica no mundo de hoje. A prontidão e qualidade das respostas enviadas surpreenderam o Dicastério, que ressaltou o desejo de protagonismo das contemplativas na gestão de sua vida.

Mais tarde, durante o Jubileu Extraordinário da Misericórdia, no encontro com os participantes do jubileu da Vida Consagrada, em 1º de fevereiro de 2016, o Papa chamou a atenção para três pilares da VRC, a saber, *profecia, proximidade e esperança*, e convocou todos os consagrados *a despertar o mundo e iluminá-lo com o testemunho profético e contracorrente!* Segundo ele, a profecia é dizer que existe algo de mais verdadeiro, mais bonito, maior, melhor, a que todos somos chamados. O anúncio de que existe um caminho de felicidade, de grandeza, uma via que enche de alegria quem a percorre e que é precisamente a estrada de Jesus. A proximidade seria aproximar-se das pessoas, em primeiro lugar de nossa própria comunidade: proximidade física, espiritual, conhecer as pessoas. E a esperança, aqui o Papa fica pensativo, pois a falta de vocações e envelhecimentos de muitas comunidades o entristece. Recomenda a oração insistente a exemplo de Ana, mãe do Profeta Samuel. Rezar pelas vocações, sempre pedir!

Pouco depois, em 29 de junho 2016, houve a promulgação da Constituição Apostólica para a Vida Contemplativa Feminina, *Vultum Dei Quaerere*<sup>10</sup>, do papa Francisco. Ela veio atualizar a Constituição *Sponsa Christi*, de Pio XII, de 1950, derogada em alguns pontos. Tanto o Prefeito, como o Secretário da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, acentuaram que as respostas das monjas ao questionário de 2014 foram a base da nova Constituição. Seguiu-se a esta a Instrução Aplicativa *Cor Orans*<sup>11</sup>, publicada em 1º de abril de 2018.

A Constituição *Vultum Dei Quaerere*, dedica os parágrafos quinto e sexto à confirmação da forma de vida contemplativa e a notar os frutos abundantes que traz para a Igreja e o mundo. Em todo o texto do documento, há inúmeras menções à dimensão profética da vida contemplativa, bem como a ser ela sinal. Assim, sinal e profecia aparecem como chaves de interpretação para compreender o estar de monges e monjas no mundo de hoje. Vejamos algumas palavras da Constituição neste sentido:

As pessoas consagradas, que, em virtude da própria consagração, «seguem o Senhor de uma maneira especial, de modo profético», são chamadas a descobrir os sinais da presença de Deus na vida diária, a tornarem-se interlocutoras sábias capazes de reconhecer os interrogativos que Deus e a humanidade nos põem. (VDQ, 2016, n.2)

Há uma tríplice tarefa: descobrir sinais, ser interlocutores e responder. A Constituição oferece, a partir do parágrafo 12, por coincidência, doze temas imprescindíveis para alcançarmos o fim próprio de nossa vocação, pedras de toque para avaliarmos se estamos realizando o que se espera de nós. São elas: formação, oração, Palavra de Deus, Eucaristia e Reconciliação, vida fraterna em comunidade, autonomia, federações, clausura, trabalho, silêncio, meios de comunicação e ascese. O aprofundamento dos temas indicados é da maior importância para revitalizar a vida monástica.

Interessante, e para mim algo desconhecido, a existência de um grupo monástico protestante de que nos falou Padre Casey. Em Junho de 2004, membros de várias Comunidades Intencionais Cristãs, isto é, comunidades de adesão voluntária, livremente escolhidas, se encontraram nos Estados Unidos na Carolina do Norte, com Jonathan Wilson, para

10 PAPA FRANCISCO, Constituição Apostólica *Vultum Dei Quaerere*, Sobre a Vida Contemplativa Feminina, Brasília, Ed. CNBB, 2016.

11 CIVCSSVA, *Cor Orans*, Instrução Aplicativa da Constituição Apostólica *Vultum Dei Quaerere*, Brasília, Ed. CNBB, 2018.

refletir sobre as propostas de um Novo Monaquismo. Eles chegaram a algo como uma regra de vida e, igualmente, com doze pontos distintos, definem este modo de vida como escolas de conversão, isto é, lugares onde se aprende uma nova modalidade de viver<sup>12</sup>. A existência de movimentos como esse evidencia a busca de uma forma de vida que concretize na sociedade civil valores diferentes e contracorrentes, como se dá na forma de vida contemplativa dentro da Igreja.

Segundo Patrizia Girolami OCSO<sup>13</sup>, monja trapista, a *Vultum Dei Quaerere* identifica três tipos de profetismo: profetismo escatológico, eclesial e o da comum vocação batismal de todos os cristãos.

Em primeiro lugar o Profetismo escatológico, *aquele que aponta para a meta para a qual caminha toda a humanidade*.

Em segundo lugar, o eclesial, *como sinal vivo e memória da fidelidade com que Deus, através dos acontecimentos da história, continua a sustentar o seu povo*.

E em terceiro, a profecia da comum vocação batismal, *porque evidencia a unidade de todas as confissões cristãs em um mesmo batismo; e porque mostra que nossa vida não pretende ser mais perfeita do que a dos outros fiéis, mas recorda a todo o povo de Deus o sentido primeiro do que somos todos chamados a viver*.

Monges, monjas, servem assim o Povo de Deus, incentivando-o a caminhar em direção à mesma meta e a viver a graça batismal dia a dia. Com certeza, é desafiador para todos nós, membros de famílias monásticas e contemplativas, ter essas referências vivas em nossos corações a fim de responder ao que a Igreja espera de nós, como alertavam Merton e Jean Leclercq, já citados: “*Se o monaquismo conseguir mostrar-se como um elemento integral na Igreja, então ele sobreviverá; se não, ele será apenas um enfeite*.” Seria terrível sermos apenas um enfeite!

Nas orientações dadas pela Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Institutos de Vida Apostólica, “*Para Vinho Novo, Odres Novos*”<sup>14</sup>, podemos colher o que pode frear o testemunho profético. Importante considerá-los. Primeiro, o modo de enfrentar a realidade, em especial diante dos nós paralisadores e complexos. Segundo, o viver de emergências e não de horizontes. Terceiro, ficar absorvido pela mera sobrevivência, em vez de se lançar com liberdade a novos processos.

12 NOVO MONAQUISMO, <http://www.new-monastics.com/new-monastic-life>.

13 GIROLAMI, Patricia, “Hijas del Cielo e Hijas de la Tierra”, *Los fundamentos de la Vida Monastica en la VULTUM DEI QUERERE*, <http://www.surco.org/catalog/cuadernos-monasticos>, 202. Ano LII-2017, p. 308-310.

14 CIVCSVA, *Para Vinho Novo, Odres Novos*, Brasília, Ed. CNBB, 2017, nn 11-13.

Quarto, administrar problemas, em vez de imaginar percursos. E ainda, medo do futuro, que desvitaliza o ministério profético ao qual somos chamados na Igreja e para o bem de toda a humanidade.

O documento indica também possíveis caminhos de superação, tais como: repensar a VRC como memória evangélica de um estado permanente de conversão. Na formação, procurar tocar o coração e transformá-lo realmente. Dar um salto do já conhecido para se lançar em metas e ideais. Viver em comunhão de intentos para gerir uma transição com paciência, sabedoria e clarividência. E a vigilância, para reconhecer os limites e as fragilidades que impedem os processos necessários a um testemunho autêntico e credível. São todos enunciados muito densos, que teremos de tentar traduzir, decodificar.

Nos capítulos do mesmo documento sobre as escolhas formativas<sup>15</sup> encontramos matéria que anima a continuar a oferecer os encontros de formação, seja a inicial, seja a permanente, bem como a formação de formadores, à qual pedem uma atenção toda especial. Nesta, o papa Francisco inclusive quebra qualquer escrúpulo quanto a abraçar novas formas de agregar formadores para que recebam o devido preparo. Nesta linha, a CRB Nacional promoveu durante anos um Programa de Formação para Contemplativas, PROFOCO, que realizou cursos e seminários, bem como dois Seminários Nacionais da Vida Monástica e Contemplativa.

De 23 a 27 de maio de 2017, em parceria com a CNBB, a CRB promoveu o II Encontro Nacional da Vida Consagrada Monástica e Contemplativa em Aparecida, com a participação de 295 pessoas das famílias contemplativas femininas presentes no Brasil. Chamava atenção o grande número de carmelitas e a juventude do grupo. O tema foi “A Alegria da Consagração Monástica e Contemplativa” e o subtema “Eis como é bom e agradável estarmos unidos e felizes”, (Sl 133,1). Além de refletir sobre os valores essenciais do monaquismo, atividades como oração em comum, conferências, celebrações eucarísticas, partilhas e testemunhos, proporcionou proximidade e conhecimento sobre o modo como cada um vive sua identidade, mística e missão. A presença do Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, Cardeal João Braz de Aviz, confirmou a pertença à Igreja e, segundo a presidente da CRB Nacional, Irmã Maria Inês Vieira Ribeiro, mad, o encontro também foi ocasião de mostrar a vida intensa que existe nos mosteiros.

<sup>15</sup> Idem, nn 14-16.

Ao final do Encontro Nacional, eu posso imaginar que tenha se repetido, entre muitas participantes, o que aconteceu entre Madre Escolástica e a monja budista, a troca de pequenos presentes acompanhados do desejo de serem agora “irmãs para sempre”!

### Perguntas para reflexão

- Se você pertence a uma comunidade monástica ou contemplativa, quais os apelos de sua vizinhança hoje são mais escutados por sua comunidade e como procuram dar uma resposta?
- Se você pertence a um Instituto de Vida Apostólica, concorda com a afirmação de ser a comunidade contemplativa um lugar profético? Justifique.
- Como anunciar a Boa Nova do Evangelho dentro das características de uma vocação contemplativa?

# PROTAGONISMO DA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA NA HISTÓRIA DA EVANGELIZAÇÃO DO BRASIL

FREI SANDRO ROBERTO DA COSTA<sup>1</sup>, OFM

## Introdução

O título que enuncia o presente artigo, por si só nos dá uma ideia da amplitude do tema a ser tratado. Por isso algumas delimitações iniciais se fazem necessárias. Uma questão diz respeito à variedade e riqueza de carismas das instituições religiosas masculinas e femininas que aportaram no Brasil, ou que aqui nasceram, e o quanto cada uma delas contribuiu de fato para a nossa história. Vida Religiosa não surge como uma entidade solta no ar, mas é resposta de homens e mulheres a desafios concretos, em um determinado momento histórico, onde se faz necessário o anúncio da Boa-Nova. Nas pessoas que vivem em situação de exclusão, miséria, abandono e pobreza, os fundadores viram o próprio Cristo que sofre. Nesse sentido, seria interessante um estudo sobre a possível resignificação, ou inculturação, ou até mesmo a perda do elã carismático das instituições, quando de sua inserção na multifacetada realidade brasileira.

---

1 Doutor em História da Igreja pela Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma; Professor de História da Igreja Antiga e Medieval, no ITF; autor de artigos e livros, dá conferências, cursos e palestras, na área de história da Igreja, da Vida Religiosa, do Franciscanismo e outros. Última obra: História da Província do Imaculado Coração de Maria, Santarém, 2018. Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do>. Endereço: Instituto Teológico Franciscano - Rua Coronel Veiga, 550, 25655-151 - Petrópolis/RJ.

Por outro lado, quando tratamos de Vida Religiosa no Brasil, em cinco séculos de história, nos referimos a realidades muito díspares e variadas social, política e economicamente falando. Por isso, analisar a Vida Religiosa nos primórdios do Brasil português é bem diferente de analisá-la no período de crise da cristandade, nos séculos XVIII e XIX, ou no século XX. Quando tratamos de carisma, nos deparamos também com a questão “canônica” das instituições: no caso do Brasil, mas também de outros países da América Latina, temos várias expressões “extraoficiais” de Vida Religiosa que, se não chegaram a se estruturar oficial e canonicamente, nem por isso deixaram de ser uma expressão da profunda necessidade do humano de se “re-conectar” com Deus, através de uma entrega e doação total de vida na vivência do Evangelho, no serviço aos mais pobres, na diaconia à Igreja. Falo aqui dos beatos e beatas, dos ermitães, dos recolhimentos, que foram sinais do Espírito nas inóspitas realidades brasileiras, nos sertões, caatingas e cerrados, dando sentido e significado à vida de tantas pessoas. Impossível não lembrar da obra do Padre Gabriel Malagrida, ou do Padre Ibiapina. Alguns dos santuários mais visitados hoje no Brasil são fruto dessa vivência religiosa “alternativa”.

## Atuação dos religiosos nos primórdios da Igreja no Brasil

Nos seus primeiros quatro séculos de história, o Brasil contou, quase que exclusivamente, com instituições religiosas fundadas na Europa<sup>2</sup>. Todos os religiosos, com exceção dos capuchinhos, que vieram sob a bandeira da *Propaganda fidei*, eram funcionários da Coroa. Foi o Padroado Português, nos primeiros quatro séculos de história do Brasil, o interlocutor da Igreja. Sob o Padroado, os religiosos eram verdadeiros funcionários do Estado, a serviço da Coroa, para expandir a cristandade e os territórios a serviço de *el rei*. Pagos e sustentados pelo Estado, não podiam contradizê-lo. *Grosso modo*, até fins do século XIX, religiosos e a Igreja em geral viveram à mercê do Estado. Falar de Protagonismo nos remete também ao cenário onde se dá este protagonismo. Quando chegaram ao Brasil, os religiosos encontraram um campo de trabalho imenso e extremamente conturbado. O abuso e exploração dos nativos eram prática comum. As autoridades portuguesas, que deveriam zelar pela ordem, salvo raras exceções, participavam dos abusos. Diante desta realidade, foram obrigados a encontrar meios criativos para exercer a

2 Em meados do século XVII (1660-1680), foram fundados no Brasil os Oratorianos.



missão evangelizadora. Os franciscanos foram os primeiros a aportar no Brasil, com as naus de Pedro Álvares Cabral. Foi uma estadia curta, pois logo continuaram viagem para as Índias. Até 1585, ano do ingresso oficial dos primeiros franciscanos, vários outros filhos do *Poverello* cruzaram as terras de Santa Cruz, pregando, batizando, confessando, embora sem vínculo oficial com a coroa portuguesa. Merece destaque neste processo a experiência de evangelização iniciada pelos franciscanos em Laguna, no litoral catarinense, próximo à atual Florianópolis. Entre 1538 e 1542, cinco frades espanhóis levaram a cabo um projeto de evangelização baseado nos princípios do respeito e do diálogo. Estimados e respeitados pelos índios carijós, a ganância dos colonos, soldados e autoridades não permitiu que o projeto fosse em frente. Os índios e os religiosos foram dispersados, aprisionados e vendidos como escravos pelos paulistas, ou mortos<sup>3</sup>

### 1.1. Homens preparados e santos, mas, sobretudo, portugueses

Qual era a mentalidade dos religiosos que vinham ao Brasil? O que os motivava a embrenhar-se nas matas, nas penosas viagens pelos sertões, na árdua lide cotidiana nas aldeias, privados do essencial à existência, enfrentando, além disso, a oposição e a calúnia das autoridades ou dos colonos, que não entendiam seu empenho em favor dos índios? Como eram formados? Em sua “*forma mentis*”, estes homens eram, sem dúvida, motivados pela fé e pelos ideais cristãos e de sua Ordem religiosa, mas também eram marcados pela “mundividência” cristã europeia e, sobretudo lusitana, que entendia que, no processo de “conquista” pelo Estado, era a própria cristandade que se expandia aos novos mundos. Os religiosos portugueses participavam do espírito de Conquista que vigorava na Península Ibérica. A expulsão dos últimos mouros da Península dera-se em 1492, em Granada. Mas os *inféis* ainda constituíam uma ameaça à “cristandade”. Quando passaram ao Brasil, os religiosos trouxeram, na bagagem, esta mentalidade guerreira, de cruzada, de submissão do outro. Eram religiosos, mas eram, sobretudo, portugueses. Igreja institucional, Ordens religiosas e Estado caminhavam de mãos dadas. Os religiosos eram funcionários régios, como quaisquer outros. “Em Portugal vivia-se uma espécie de situação de *Estado confessional*, em que as atitudes de ordem político-institucional acompanhavam as convicções religiosas...”<sup>4</sup>. Trata-se aqui da famosa afirmação de que, junto com a cruz, ia a espada. Uma linha muito

3 <http://franciscanos.org.br/?p=20437>

4 Amorim, M.A., Os Franciscanos no Maranhão e Grão Pará, 26, Universidade Católica Portuguesa, 2005.

tênue separava o espiritual e o temporal. Era impensável uma Igreja sem o apoio do Estado, e vice-versa. Outro elemento importante de contexto é que o século XVI é o século das grandes reformas religiosas. Os primeiros franciscanos que vieram oficialmente ao Brasil eram provenientes da reforma Alcantarina. A Europa Ocidental e Espanha, particularmente, passavam, nos finais do século XV, por uma revitalização humana e religiosa, que se traduzia concretamente numa busca de vivência radical dos princípios evangélicos. No espírito da “Contra-Reforma”, sentia-se ainda no ar os ecos das acaloradas pregações de Lutero, além das discussões do Concílio de Trento (1545–1563). Os soldados de Inácio de Loyola (1534) eram a expressão mais completa de uma Igreja em combate, na luta pela defesa da fé. Na Espanha, os “reis católicos” Isabel e Fernando lideravam todo um movimento reformador, visando criar uma *Igreja pura*, seja de hereges, de mouros ou de judeus. Os religiosos eram parte importante deste elã reformador.

## Evangelização dos indígenas

Em 1549 chegavam ao Brasil os primeiros religiosos enviados oficialmente pela Coroa portuguesa: os jesuítas. Vinham embalados pelo entusiasmo dos primeiros anos de fundação da Companhia (1534). A partir de fins do século XVI, Beneditinos (1582), Franciscanos (1585), Jesuítas (1549), Carmelitas (1580), Mercedários (1640), Hospitaleiros de São João de Deus (1627), Agostinianos (1693), vão labutar lado a lado, enfrentando toda espécie de desafios na vivência e anúncio do Evangelho<sup>5</sup>. Sobre a *conquista da Paraíba*, um cronista contemporâneo relata: “No ano de 1581, vieram, em companhia de Frutuoso Barbosa, que vinha povoar o rio da Paraíba, três frades do Carmo, e dois ou três de São Bento, a Pernambuco. Veio também, em sua companhia, um de São Francisco”<sup>6</sup>.

No trabalho de evangelização indígena, de norte a sul do país, praticamente todas as instituições religiosas se envolveram, inclusive os beneditinos, que têm, por princípio, a vida de clausura. Os trabalhos assumidos diferiam, em muito, da realidade europeia. Alguns relatos atestam que o entusiasmo dos primeiros anos aos poucos foi arrefecendo e cedendo lugar ao desânimo e à acomodação. Não só devido

5 No breve espaço deste artigo não temos condições de aprofundar o que entendemos por evangelização. Muito teríamos a discutir, a partir dos parâmetros adquirimos depois do Vaticano II, de Medellín e de Puebla, e de posse do imenso cabedal que a teologia e o magistério contemporâneos nos oferecem sobre o tema da evangelização e da missionariedade.

6 Citado em História da Igreja no Brasil, Tomo II\1, p. 33.

à constante oposição dos colonos, da falta de apoio das autoridades, pelo clima inóspito, mas também pelo comportamento dos indígenas, interpretados como languidez, preguiça, inconstância, falta de caráter. Muitos relatos atestam que os religiosos europeus tiveram uma enorme dificuldade de entender a cultura, o modo de ser e pensar do indígena. Infiéis, bárbaros, pagãos, (não têm fé, nem lei, nem rei), feras bestiais, são alguns epítetos que encontramos em muitos relatos referindo-se a eles. Nóbrega, a princípio grande defensor de sua liberdade, depois de alguns anos no Brasil afirmava: “Este gentio é de qualidade que não se quer por bem, senão por temor e sujeição”. Os principais problemas eram a bebida, a antropofagia e a poligamia. Este último, um problema também entre os colonos. Por isso encontramos discursos veementes, defendendo a evangelização forçada. Em que pese todo o discurso que poderíamos fazer, de religiosos a serviço dos interesses da coroa, o fato é que estes desempenharam um papel preponderante no processo de estreitamento das relações com os primeiros habitantes das terras ocupadas. Não ignorando o massacre e o extermínio genocida, que ocorreu em grande parte do país, seja pelas armas dos portugueses, seja pelas doenças trazidas pelos brancos, a conversão do indígena à doutrina cristã, seu aldeamento e conseqüente enquadramento no esquema político civilizatório da colônia, era a possibilidade vislumbrada naquele momento.

Os religiosos sofreram duras perseguições na defesa dos índios. Só a título de ilustração, podemos citar o Padre Antônio Vieira, seu sucessor, Padre Felipe Bettendorf, e os franciscanos no Maranhão de 1600, capitaneados por frei Cristóvão de Lisboa, do qual temos relatos pungentes das extremas dificuldades enfrentadas para dar conta da missão a eles confiada. O Capuchinho Martinho de Nantes relata as perseguições nas missões entre os cariris no Rio São Francisco (1642-1706)<sup>7</sup>. Apesar de submetidos à política da Coroa portuguesa, em meio a indizíveis desafios, estes homens não se furtaram à missão confiada, de serem verdadeiros anunciadores do Evangelho. Os jesuítas foram expulsos várias vezes dos domínios portugueses. Em março de 1593, expulsos da Paraíba; expulsos por 13 anos de Santos e São Paulo, e ameaçados de expulsão do Rio de Janeiro; 1661, motim no Maranhão e expulsão do Padre Vieira e companheiros; 1684, outro motim no Maranhão e expulsão, além de constantes tensões na Bahia. Em 1759 foram expulsos definitivamente, por obra de Pombal.

---

7 Relação de uma Missão no Rio São Francisco, Pe. Martinho de Nantes, Brasiliana, 1979.

## 2.1 Os catecismos na língua indígena, as gramáticas e as “doutrinas”

Um dos maiores obstáculos na evangelização dos indígenas era a língua. Alguns missionários aprendiam-na, outros evangelizavam por intérprete, inclusive para a confissão. Logo de início os superiores criaram escolas para as “línguas”, destacando-se nisso os jesuítas e os franciscanos. Aos poucos também iniciou-se a produção de catecismos, de livros de doutrinas, de orações, na língua indígena. A produção, principalmente no século XVII, é imensa, por religiosos das mais variadas denominações. Em 1595 o Padre Anchieta escreveu uma *Arte da Gramática da Língua mais usada na costa do Brasil*. A língua, na catequese dos escravos, também se constituía num obstáculo. A imensa maioria dos que chegavam ao Brasil não sabiam o português. O único catecismo escrito para atender aos negros escravizados foi produzido pelo jesuíta português Pedro Dias, chamado de “São Pedro Cláver do Brasil”. Nascido em Portugal, em 1622, ele aprendeu a medicina para socorrer os escravos doentes nos engenhos do Rio de Janeiro. Aprendeu a língua de Angola, e escreveu uma *Arte da Língua de Angola*, em 1697<sup>8</sup>. Foi a única gramática de língua africana escrita no Brasil. Quando morreu, em 1700, os negros correram em massa à igreja onde estava sendo velado. Além dos catecismos e doutrinas, os religiosos produziram uma imensa variedade de obras de reconhecido valor antropológico e etno-cultural, expondo sua visão sobre o Brasil, seus habitantes e seus costumes.

## Religiosos na crise da cristandade

### 3.1 Os Religiosos e as ideias liberais

Os religiosos participaram ativamente de todos os movimentos políticos que marcaram a história do Brasil. Destacaram-se na luta contra os holandeses, animando as tropas, cuidando dos feridos nas batalhas, ou pegando em armas. Nos finais do século XVIII, com a crise do sistema colonial, alinharam-se às ideias liberais vindas da Europa, gestadas na Universidade de Coimbra. Participando ativamente da vida do povo, mergulhados em suas agruras, animados pelos valores evangélicos, os religiosos tornaram-se os porta-vozes dos anseios por uma nova

8 *A Arte da Língua de Angola, oferecida à Virgem Senhora N. do Rosário, Mãe e Senhora dos mesmos Pretos*, elaborada pelo Padre Pedro Dias da Companhia de Jesus. É uma gramática da língua quimbundo (dos Umbundos segundo o texto), baseada na observação da língua utilizada pelos escravos oriundos de Angola em Salvador, Brasil.

ordem política e social. Nos conventos o sentimento nativista criava divisões entre portugueses e brasileiros. Entre os franciscanos foi criada a “Lei da alternativa”, onde os ofícios eram divididos igualmente entre lusos e nativos, para evitar discórdias. Em 1798, na *Revolução dos Alfaiates*, entre os documentos apreendidos, encontrava-se um onde eram elencados os representantes das diversas Ordens que aderiram ao movimento revolucionário: 8 frades bentos; 14 franciscanos; 3 barbudinhos; 14 terésios; 48 clérigos.<sup>9</sup> Na “Revolução Pernambucana” de 1817, a participação dos religiosos foi muito mais marcante, também devido às proporções desta e do relativo êxito que conseguiu alcançar durante alguns meses. Ficou conhecida como a “Revolução dos Padres”.<sup>10</sup> Destacaram-se de maneira especial nesta revolução o superior dos franciscanos, frei João Loureiro, que não hesitou em largar o hábito, mudar de nome e pegar em armas, tornando-se um dos mais respeitados chefes do movimento. Também vários superiores dos carmelitas pegaram em armas e comandaram tropas. O mais conhecido foi frei Joaquim do Amor Divino Caneca, professor de geometria e retórica, que, preso durante quatro anos, fez o sermão gratulatório em Recife pela aclamação de D. Pedro I como Imperador do Brasil. Em 1824, contra as pretensões absolutistas do mesmo D. Pedro, frei Caneca não hesitou em, de novo, pegar em armas e chefiar a “Confederação do Equador”. Derrotado e preso, frei Caneca foi primeiro condenado à forca, mas não se conseguiu encontrar ninguém que aceitasse ser o seu carrasco. Foi então fuzilado.

Já às vésperas da Independência, civis, seculares e religiosos reuniam-se em verdadeiros comitês, para discutir os rumos do país. O convento Santo Antônio do Rio de Janeiro guarda até hoje a “sala do Fico”, em memória de frei Francisco de Santa Tereza de Jesus Sampaio (1778-1830), o “Prócer da Independência”. Em sua cela reuniam-se os políticos que pugnavam pela emancipação do país, inclusive o próprio Príncipe Regente, D. Pedro. Frei Sampaio é o autor do manifesto que gerou o “Dia do Fico”, além de ser um dos inspiradores da primeira Constituição do Brasil, de 1824.

9 Aqui, frades bentos são os beneditinos, barbudinhos são os capuchinhos, terésios são os carmelitas, e clérigos designa genericamente os padres do clero secular. Cfr. R. Azzi, *A Crise da Cristandade e o Projeto Colonial*, Paulinas 1991, 109.

10 “A revolução de 1817 pode quase dizer-se que foi uma revolução de padres; pelo menos constituíram-se eles o melhor elemento, o que mais deu provas de sinceridade, de isenção e devotamento, onde recrutaram, com poucas exceções, os seus dirigentes”. D. Leopoldo e Silva, *O Clero e a Independência*, Paulinas, São Paulo 1972, 57.

A partir de meados de 1700 e por todo o 1800, a vida religiosa no Brasil e no mundo, por uma série de fatores, entra numa fase de declínio. Dificilmente encontramos nos relatos dos religiosos que vinham ao Brasil nos primórdios coloniais alguma menção à vida de pobreza, ao engajamento na luta em defesa dos mais pobres, etc. Isso não era necessário, pois, além dos empecilhos da parte do Estado, as dificuldades, a carência de meios, o sacrifício cotidiano fazia parte do dia a dia destas pessoas. A grande maioria partilhava das mesmas agruras do povo. Com o passar do tempo, principalmente a partir de meados do século XVIII, percebe-se uma acomodação, uma aproximação cada vez maior às elites dos engenhos, dos latifúndios. É o tempo das construções das grandes igrejas barrocas, que marcam o cenário brasileiro. Conseqüentemente, constroem-se os maiores e mais belos conventos, são formadas as maiores e mais ricas fazendas de religiosos, com centenas de escravos. Os religiosos se trancam dentro dos claustros, viram as costas para as missões, tornam-se burocratas do sagrado. As estruturas tomam conta da vida religiosa. Tornam-se mais ricos, mas não mais santos. A decadência religiosa e moral vem junto. O Estado português, partilhando dos ideais iluministas e anticlericais em vigor na Europa, não vê com bons olhos os conventos cheios de homens “inúteis”, segundo o espírito regalista e iluminista. Pombal é o maior inimigo dos religiosos no século XVIII. O fato é que, por uma soma de vários fatores, nos finais do século XIX, todas as Ordens tradicionais estão à beira da extinção.

Com a proclamação da República, as Ordens começam a se reerguer, restauradas pelas províncias europeias que enviavam ao Brasil levas e levas de membros, em muitos casos fugindo dos regimes liberais que perseguiram os religiosos. Jesuítas e franciscanos vêm fugindo da Kulturkampf de Bismark. Entre 1880 e 1930, num espaço de 50 anos, portanto, entram no Brasil 36 novas Congregações. A atuação destas instituições estava em sintonia com o movimento de centralização da Igreja em Roma, conhecido como Processo de Romanização. Em nome dessa centralização, muita coisa se perdeu. O catolicismo popular foi colocado à margem. Tradições, liderança dos leigos, irmandades, foram sendo substituídas pelo padre, por devoções ditas “mais ortodoxas”, pelo acento nos sacramentos. Um novo modo de ser Igreja estava se instaurando. Entre conflitos e polêmicas, os religiosos foram encontrando o modo de vivenciar o evangelho e seu carisma neste novo contexto. Vindos de fora, traziam uma cultura europeia, e em muitos casos não entendiam

os costumes e devoções da terra. Aos poucos estas novas congregações foram assumindo santuários tradicionais, como Aparecida, Bom Jesus da Lapa, Congonhas do Campo. Com 300 anos de atraso, as diretrizes do Concílio de Trento começavam a ser aplicadas no país.

## Religiosos e a virada durante o Vaticano II

Com a separação Igreja-Estado, ocorrida com a proclamação da República e o fim do Padroado, os republicanos esperavam que a Igreja morresse à míngua. De fato, a Igreja “sentiu o baque” nos primeiros anos. Mas aos poucos foi se recompondo, assumindo seu protagonismo diante da sociedade. Os religiosos deram sua contribuição, assumindo a evangelização em algumas áreas específicas em sintonia com seu carisma. Citamos aqui apenas duas áreas importantes de atuação: a imprensa e a educação. Várias instituições desempenharam um papel de primeira grandeza na evangelização, através da imprensa escrita. Várias destas obras iniciaram de modo bem modesto, mas aos poucos se tornaram grandes editoras. Por exemplo, os missionários Claretianos, chegados ao Brasil em 1895, assumem a Revista Ave Maria (1898), fundada por um casal de leigos, que depois torna-se uma das maiores editoras católicas do Brasil. Os Paulinos chegam ao Brasil em 1931. A Editora Vozes, fundada em 1901, teve destacada atuação na divulgação das notícias e documentos durante o Vaticano II, graças ao empenho de frei Boaventura Kloppenburg, então Redator Chefe da REB (Revista Eclesiástica Brasileira)<sup>11</sup>.

No campo da educação formal, os jesuítas têm a primazia, com a fundação dos colégios desde o início da colônia. Na passagem do século XIX para o XX, a educação vai se tornar uma das áreas privilegiadas de atuação dos religiosos. Além daquelas instituições dedicadas exclusivamente aos estudos, várias congregações, à medida que iam assumindo paróquias, sempre abriam, ao lado da igreja, uma escola paroquial. Aos poucos foram transformando-se em verdadeiros conglomerados educacionais, bem conhecidos hoje, rivalizando na formação dos melhores quadros da elite brasileira. Ainda no campo do protagonismo na educação, não podemos deixar de citar o papel fundamental dos religiosos na fundação de duas

11 Frei Boaventura era chefe da sessão de imprensa para a língua portuguesa do Concílio, e teólogo conciliar. Mandava quase diariamente informes sobre os acontecimentos conciliares, e a REB, embora fosse publicação trimestral, era a que primeiro trazia informações detalhadas sobre o Concílio. Além da publicação de crônicas, documentos, Atas do Concílio, a Vozes publicou mais de 20 livros sobre o assunto durante o Concílio, traduzidos em diversas línguas. O mais conhecido foi “A Igreja do Vaticano II”, com 1331 páginas, coordenado por frei Frederico Vier, que reuniu 57 especialistas sobre o tema, e também foi traduzido em vários idiomas.

das mais importantes Universidades Católicas do Brasil: a PUC do Rio de Janeiro, pelos Jesuítas, e a de São Paulo, fruto da fusão da Faculdade de Direito de São Paulo com a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento, fundada pelos beneditinos em 1908.

### 5.1 A Vida Religiosa após o Vaticano II

O Concílio Vaticano II foi, para a Igreja toda, mas principalmente para a Vida Religiosa, um verdadeiro “tsunami” do Espírito. A crise que se seguiu abalou profundamente estruturas caducas, instituições sem sentido, incentivou a saída de religiosos infelizes e insatisfeitos, e trouxe profundos questionamentos, que resultaram em grandes transformações e reformas. Religiosos e religiosas foram praticamente obrigados a se colocar frente à questão da própria identidade, da “clarificação do carisma”. Medellín e Puebla contribuíram ainda mais decisivamente nesse processo de revisão e reforma. Apesar das inúmeras saídas e das crises, o resultado foi uma vida religiosa mais consciente, madura, revigorada. Novas frentes de trabalho foram assumidas, algumas foram abandonadas, porque não correspondiam mais ao carisma. Inserção em meio aos mais pobres, engajamento nas lutas populares, nos movimentos sociais e políticos, como a CPT, o MST, os Comitês de Direitos Humanos, a resistência contra a ditadura, eram expressão maior desse novo modo de ser Igreja, gestado pelas intuições do Vaticano II. A Teologia da Libertação, a CLAR, com o Projeto Palavra Vida, a animação da CRB, através dos encontros, congressos e seminários de formação, em muito contribuíram com a Vida Religiosa, neste caminho de vivência profética do carisma de cada instituição.

## Conclusão

Falar de protagonismo de religiosos ao longo da história do Brasil, de suas atividades, dos personagens e de seus feitos, não é difícil. Porém, fazer memória do protagonismo de nossos irmãos deve nos levar a pensar no nosso protagonismo hoje. Como vivemos, em nossas Congregações, Ordens e Institutos, nosso carisma próprio? Conseguimos fazer uma releitura criativa do carisma, a partir dos desafios que nos são propostos a cada dia, ou ficamos presos às concepções que deram certo no passado, mas que hoje já não servem? Um elemento que salta aos olhos no estudo da vida religiosa no Brasil é a variedade de atividades assumidas pelos consagrados no anúncio do evangelho ao longo da



sua história. Embora a evangelização se resumisse, em grande parte, à pregação e à liturgia (sacramentos), também a missão, o púlpito, a pena, o engajamento político, a sala de aula, a imprensa, eram instrumentos válidos de evangelização. Podemos nos perguntar: como evangelizar hoje na paróquia, na sala de aula, no projeto social, ou qualquer outro campo de atuação, sem perder o essencial de nosso carisma?

Por outro lado, os anos 90, com a “volta da grande disciplina”, (expressão do saudoso Padre Libânio), e o progressivo fechamento da Igreja, a Vida Religiosa foi aos poucos perdendo seu elã profético. Papa Francisco representa, nos últimos anos, um novo sopro do Espírito, convocando os religiosos à vivência do profetismo próprio de cada carisma. Como os religiosos podem aproveitar este tempo de graça que é o papa Francisco, para a Igreja e para a Vida Religiosa?

Os superiores portugueses enviaram para a missão seus melhores religiosos. Hoje, mais do que nunca, o anúncio exige preparo para o diálogo com uma sociedade cada vez mais injusta, secularizada, pluralista e tecnológica. A sociedade líquida, do consumo, da exacerbação do indivíduo, gera pessoas extremamente frágeis, isoladas e individualistas. Como formar nossos membros para responder a esses desafios? As gerações que nos procuram hoje são fruto dessa sociedade, com todos os seus avanços positivos, mas também com suas mazelas, ameaças à vida e à dignidade, frutos do capitalismo anti-evangélico, que gera exclusão, sofrimento e morte. O número de religiosos, por outro lado, diminui assustadoramente. Paradoxalmente, os novos institutos e comunidades de vida, com votos temporários e estruturas mais flexíveis, de viés tradicionalista, e, em muitos casos, com uma eclesiologia ultrapassada, pré-Vaticano II, prosperam e aumentam a cada dia. Qual será nosso problema? Por que nosso discurso não atinge os jovens? Como fazer da vida religiosa uma alternativa de vida possível, sem perder a beleza e o vigor do carisma fundacional?

Há alguns anos, em quase todos os encontros de religiosos e religiosas, falava-se de volta às origens, radicalidade, beber da fonte. Tais expressões estão na base da vida religiosa. Sem estar fixada em raízes profundas, uma árvore não resiste aos temporais. Como também não há vida religiosa autêntica sem profetismo, sem denuncia dos males que contrariam o projeto do Reino de Deus. Podemos constatar que há, em muitas instituições, um belíssimo discurso de amor aos pobres, de combate às injustiças, de uma Igreja em saída, mas pouca coisa é de fato colocada em prática. Criamos imensas estruturas, sob o pretexto de serviço ao evangelho, mas essas estruturas nos engessam. Hoje, como

em todos os tempos, somos tentados pelas estruturas. Como podemos nos servir delas, sem deixar que nos escravizem?

Certamente o conhecimento da história, com seus paradoxos, intermeados de luzes e sombras, pode nos ajudar a encontrar as respostas para os anseios e desafios de nosso tempo. Queremos ser protagonistas do nosso tempo, em prol do Reino de Deus e de seu projeto, e não meros figurantes ou repetidores da história.

Citamos a seguir uma breve bibliografia para ajudar a aprofundar a história geral da Vida Religiosa no Brasil:

Atallah, A., Ide... Evangelizar! As Ordens e Congregações Religiosas Masculinas que evangelizam no Brasil, Apucarana, PR, s\d.

Azzi, R. (Coordenador), A Vida Religiosa no Brasil: enfoques Históricos, Paulinas, 1983.

Azzi, R., A Crise da Cristandade e o Projeto Colonial, Paulinas 1991.

Ruppert, A., A Igreja no Brasil, Editora Pallotti, Santa Maria 1988.

Vvaa., História da Igreja no Brasil, tomo II\1, Paulinas – Vozes, 1992.

# SANTIDADE DE OLHOS ABERTOS

PE. ADEMIR GUEDES AZEVEDO, CP<sup>1</sup>

## Um salto qualitativo

Por algum tempo no cristianismo a vida de santidade estava diretamente ligada à vida conventual. A profissão dos votos religiosos e a estrita observância das regras dos fundadores por si só constituíam forte indício de santidade. Em torno a tal modelo, nasceram práticas de devoções e leituras espirituais obrigatórias, como a Imitação de Cristo, de Tomás de Kempis. A consciência reinante induzia o religioso a distanciar-se do mundo, pois este era sinônimo de pecado. A espiritualidade parecia ser intimista, permeada por aquele movimento vertical do “eu e Deus”. Felicíssimo Martinez observa em sua obra *Vida religiosa: carisma e missão profética*, que a preferência para as canonizações vinha da vida conventual.

No entanto, o Concílio Vaticano II (1962-1965) realizou uma virada teológica, aprimorando e desenvolvendo o tema da santidade, sobretudo em todo o capítulo 5 da Constituição Dogmática sobre a

---

1 Pe. Ademir Guedes Azevedo é religioso da Congregação da Paixão de Jesus Cristo (Passionistas). Possui Licenciatura em Filosofia e Bacharelado em Teologia. É pós-graduado (lato sensu) em Filosofia. Atualmente cursa mestrado em Teologia Fundamental na Universidade Gregoriana, Roma. E-mail: jntj100@gmail.com

Igreja (*Lumen Gentium*). A santidade é uma vocação universal, toca a todos, não apenas aos consagrados e aos membros da hierarquia: “Por isso, todos, na Igreja, quer pertençam à Hierarquia, quer por ela sejam pastoreados, são chamados à santidade, segundo a palavra do Apóstolo: ‘esta é a vontade de Deus, a vossa santificação’ (1 Tess. 4,3; cfr. Ef. 1,4)”. (LG 39). O apelo divino à vida de santidade supera aquele dualismo de puros e impuros. A graça de Deus é dom e pede um coração aberto e disponível para crescer e gerar frutos.

A reflexão posterior ao Concílio, sobretudo em contexto latino-americano, associou a santidade com o envolvimento concreto na vida dos pobres ou das classes desfrutadas pelos sistemas que não compactuam com o Reino de Deus.

Do Vaticano II até os nossos dias, desenvolveu-se um clima de tensão, luzes e sombras sobre o modo de assumir a vocação à Vida Religiosa Consagrada (VRC). A hermenêutica conciliar, de um lado, enfatizava uma eclesiologia de comunhão e unidade com os pastores. Tal visão, também válida, favorece, no entanto, uma atmosfera centrada no estilo da vida conventual. Tudo gira em torno da figura do superior, e ser santo significa obedecer. A relação com os dramas da história parece não ser relevante. Mas, de outro lado, a VRC se deixou interpelar pelos gritos da vida e, motivada por uma eclesiologia do Povo de Deus, deu um passo decisivo: a vida de inserção. A santidade, quando a assumimos a partir de nossos carismas, não pode ser vista como uma garrafa de água destilada<sup>2</sup>, requer uma resposta concreta, um empenho solidário com as massas dos excluídos. Em outras palavras, nos interpela a dar um salto qualitativo em relação aos antigos estilos de vida cristã. Neste sentido, podemos falar de uma santidade de olhos abertos, ou seja, a consagração religiosa adquire sentido a partir de um processo de vivências radicais, em relação à proposta do Evangelho.

Nesta perspectiva, ganha particular atenção a recente Exortação Apostólica do Papa Francisco *Gaudete et Exultate*: sobre o chamado à santidade no mundo atual. O Papa valoriza as vivências e o esforço sincero da gente simples que, na labuta cotidiana, não cessa de servir a Deus. O salto qualitativo do qual estamos falando põe a santidade ao alcance de todos, supera aquela visão de casta que enfatiza uma vida baseada sobre normas e prescrições. Diz Francisco: “Gosto de ver a santidade no povo paciente de Deus: nos pais que criam os seus filhos com tanto amor, nos homens e mulheres que trabalham a fim de trazer

2 Francisco, Discurso aos superiores maiores, Disponível em: [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

o pão para casa, nos doentes, nas consagradas idosas que continuam a sorrir. Nesta constância de continuar a caminhar dia após dia, vejo a santidade da Igreja militante. Esta é muitas vezes a santidade ‘ao pé da porta’, daqueles que vivem perto de nós e são um reflexo da presença de Deus, ou – por outras palavras – da ‘classe média da santidade’” (GE 7).

## Santidade adulta em um mundo adulto

Nota-se que o nosso século aos poucos se distancia daquela mentalidade europeia de cristandade, ou seja, a experiência de fé hodierna valoriza os elementos locais e a experiência martirial daqueles que, fiéis ao Evangelho, assumem a cruz até o fim. O que conta hoje são as testemunhas, o árduo caminho da santidade acontece a partir da inserção nas causas humanas, as quais são novos areópagos para anunciar a Boa Notícia do Reino. As palavras já não são suficientes, o homem contemporâneo é motivado pelos testemunhos<sup>3</sup> e só isso o rende capaz de entregar a sua vida a Deus. A santidade alarga a existência à medida que a sensibilidade humana abre os olhos diante da realidade do outro. O “eu” que sai de si encontra Deus no rosto do outro e isso significa que estamos progredindo na fé<sup>4</sup>, ou melhor, estamos amadurecendo em santidade.

Quando falamos de uma santidade adulta nos referimos a um novo modo de viver a fé em nossos variados contextos culturais. A fé vai além dos conceitos da religião. Esta última muitas vezes serviu para afirmar os desejos pessoais de seus membros. Basta um exemplo para entender: os sacerdotes e os escribas judeus do tempo de Jesus, à medida que controlavam o povo através das prescrições rituais, colaboravam com os governantes das províncias para manter a famosa Pax Romana. Ao mesmo tempo que usavam um discurso religioso, os chefes do Templo de Jerusalém garantiam também os seus privilégios, uma vez que eram respeitados pelas autoridades romanas. Neste sentido, a religião precisava ser superada. Foi exatamente Jesus, por meio da sua intimidade com o Pai e do seu modo universal de relacionar-se com as pessoas, que superou a visão religiosa dos seus contemporâneos. A pregação do Reino de Deus remetia à soberania ao Pai, não a César. Não admitia a exploração dos pequenos para a garantia da Pax Romana. Pelo contrário, a paz, para

3 É provocante a afirmação do Papa Paulo VI em *Evangelii Nuntiandi*: “O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas”. (EN, 41).

4 FRANCISCO, *O progresso da fé. Encontro com os párocos da Diocese de Roma*, Disponível em: [w2.vatican.va](http://w2.vatican.va)

ser possível, deve estar ligada diretamente à justiça para com a classe desfrutada pelos poderosos. Maria dirá: “derrubou do trono os poderosos e elevou os humildes” (Lc 1,52). Gustavo Gutiérrez aborda a fé em perspectiva de libertação e esse passo só acontece quando se descobre e se luta com e a favor do mundo do outro, ou seja, quando se entra na lógica dos pequenos e oprimidos<sup>5</sup>. Se Jesus viveu intensamente sua vida como dom e desmascaramento da opressão, fruto do pecado humano, nos resta hoje assumir um estilo de santidade que vá além dos discursos religiosos que garantem um futuro só para os poderosos e dominadores. Em outras palavras, uma fé adulta tem a ver sempre com uma santidade que não desiste de lutar pela justiça do Reino de Deus.

J.B. Metz e D. Bonheffer superaram exatamente esse tipo de visão que usa Deus como se fosse um tapa-buraco, ou seja, para satisfazer as necessidades pessoais. Contudo, diante da maldade humana, que gera o sofrimento dos inocentes, como esse discurso religioso pode se sustentar? Na realidade do páthos que nos deixa privados de tudo, por que o discurso religioso não preenche o meu vazio, restituindo minhas perdas e sarando as feridas? Exatamente é aqui que a fé dá um salto qualitativo, superando o rotineiro modo de crer, ou seja, só uma santidade adulta pode dialogar com os dramas da vida.

## Abrir os olhos para contemplar e lutar

Como o Espírito Santo, em nosso contexto latino-americano, suscitou homens e mulheres para viverem a radicalidade e a paixão pelo Reino de Deus? Sublinhamos anteriormente o papel que a realidade exerce sobre a vida cristã. Quando se constata a existência do sistema da desgraça, ou seja, de uma realidade de anti-Reino, então só a profecia evangélica pode mudar tal estrutura de pecado, com o persistente e libertador anúncio da Palavra de Deus. No entanto, esta dialética gera conflitos, porque fica evidente que a classe dos dominadores se sente ameaçada e incomodada pelo testemunho dos profetas. Em meio a tudo isso, ocorre muitas vezes a repressão violenta, e os cristãos inseridos acabam pagando um alto preço: o derramamento de sangue, em nome do Evangelho. Na América Latina tem sido exatamente assim que a fé plasmou os santos de olhos abertos.

Dois exemplos servem para ilustrar nosso argumento: o primeiro, trata-se do testemunho de Santo Óscar Arnulfo Romero, e um outro é em

5 G. Gutiérrez, *Prassi di liberazione e fede cristiana*, Queriniana, Brescia, 1973.

terras brasileiras, o missionário jesuíta Pe. João Bosco Burnier. Vejamos como este último abraçou a santidade em total inserimento na vida concreta da classe oprimida.

Eram os anos da ditadura em nosso país. A região da Prelazia de São Félix do Araguaia estava começando seu “desenvolvimento”. Os coronéis e os poderosos faziam o que queriam. Algumas vezes inocentes eram presos e torturados para satisfazer o sarcasmo dos que dominavam e exploravam. Neste contexto, duas mulheres foram feitas prisioneiras. Torturadas com agulhas e outras barbaridades até que pudessem dizer as informações que seus carrascos queriam. O caso se tornou conhecido na região e o medo era o fantasma de cada dia. Pe. João Bosco, junto a D. Pedro Casaldáliga, vai à delegacia para dialogar com os soldados. Ambos se apresentam e se põem em diálogo. Pe. João pede que sejam libertadas as duas mulheres. Não se chega a um acordo. Não tendo outra opção, João Bosco ameaça denunciar as torturas. Imediatamente, um dos soldados lhe dá uma bofetada. D. Pedro tenta interromper: “João, vamos embora”, mas o soldado não espera nem menos que se levante o jesuíta e, imediatamente, dispara contra ele uma bala, atingindo-o na nuca. A violência é realmente irracional porque não dá espaço ao diálogo. D. Pedro, já em desespero, põe o corpo do missionário sobre seus ombros e tenta socorrê-lo. Mas já não era possível. Um novo mártir derramava o seu sangue porque desmascarou a violência.

Mas, o sangue dos mártires é semente de vida nova. Liberta e encoraja, motiva e nos faz lutar pela justiça do Reino. Depois da missa de sétimo dia do missionário jesuíta, a comunidade cristã foi à delegacia gritando justiça e liberdade para as duas mulheres. Aos poucos, se formou uma grande multidão. Juntos e motivados pela Memória de Jesus e encorajados pelo sangue de João Bosco, derrubaram a delegacia e, enfim, as mulheres foram libertadas. Merece destaque a lápide erigida sobre o túmulo do Pe. João Bosco: “Irmãos, aqui em nosso lugar, a paixão e morte de Cristo se fez presente e se renovou no Padre João... Como também aconteceu com Jesus Cristo, o Padre João morreu porque defendia a verdade, a justiça, a liberdade. Era um espinho nos pés dos poderosos e opressores. Por isso, usaram da força para fazê-lo calar: o assassinaram. Porém, a morte não é o fim. A morte é um passo para a vida. E esta morte nos faz recordar”<sup>6</sup>.

Esta narração nos faz refletir como a vida cristã, no pós-Vaticano II, põe o seguimento de Jesus em perspectiva de martírio, o que a faz

6 A. Pacini, Com o martírio renasce a esperança do povo, Disponível em: [martiresal.blogspot.com](http://martiresal.blogspot.com)

retornar às origens do cristianismo. Acrescente-se ainda o indiscutível papel que a realidade exerce para o discernimento. Sem a saída de si, sem a sensibilidade samaritana e sem a compaixão para com as vítimas, não é possível a santidade. Exatamente neste aspecto vemos como a VRC se torna uma parábola do Reino de Deus. À medida que se abrem os olhos para ver a realidade, o Espírito Santo suscita novos santos, mas a partir de um eloquente testemunho que liberta o mundo das garras do pecado e o faz tornar à sua harmonia.

Outro exemplo de testemunho, que segue as mesmas pegadas do martírio, é a inspiradora profecia anunciada pelo bispo Oscar Romero. Ele foi convertido pela sua gente. Foi o contexto – mais uma vez a realidade – de El Salvador que se transformou em Palavra de salvação, porque Deus agiu nos pobres e motivou o bispo a assumir a causa deles. Oscar, num primeiro momento, era homem conservador. Sabia da resposta que vinha dos dogmas, mas não era isso o miolo da questão. Deus pedia solidariedade, empenho comum, inserimento e envolvimento com a realidade. Um cristão que só observa, mas não suja as mãos com o outro, não é fiel ao Evangelho.

Depois do golpe militar de 1979, se instalou o terror em El Salvador. O bispo até então atendia aos doentes, era já sensível aos crucificados. Mas ainda não tinha feito nenhum pronunciamento oficial contra o sistema da Desgraça. Até que dois de seus sacerdotes foram brutalmente assassinados porque acolheram camponeses em suas paróquias. Esse foi o estopim. Oscar Romero fez ressoar sua voz com parresia, sem medo, apontando o dedo para os responsáveis e pedia justiça. O bispo se deu conta que Deus nos ama e caminha conosco quando vamos em direção aos crucificados e os ajudamos a descer da cruz. Eis aqui o centro do evangelho! Oscar foi assassinado enquanto celebrava a missa com os doentes e com as religiosas do hospital da Divina Providência. Mas, sua última homilia é realmente sangue novo em nossas veias missionárias: “Se me matarem, ressuscitarei em meio ao povo de El Salvador”.

Narrar a vida e o testemunho destes dois ilustres irmãos nos faz relacionar a santidade sempre com os gritos que nascem da realidade. Neste sentido agora podemos entender a singular afirmação do papa Francisco: “A realidade é superior à ideia” (EG 231). Viver a santidade em fidelidade à realidade significa louvar a Deus, mas abrindo sempre os olhos para lutar e ser anunciador do Reino da vida.



Concluindo...

A santidade é um chamado divino dirigido a todos. Atender a tal apelo é um passo para mudar o mundo para melhor, quando encarnamos em nós o estilo de vida de Jesus. Uma espiritualidade para ser lúcida precisa abrir sempre os olhos para ver a necessidade do outro. Comprometer-se com a vida não é uma questão meramente biológica, trata-se de um imperativo divino, põe-nos em sintonia com o coração do Evangelho. Basta ver o modo de Jesus viver a sua santidade, como homem. Nele, todos nós teremos acesso ao Pai. Esta verdade, contudo, pede-nos empenho e responsabilidade com o mundo e com a história que ajudamos a construir com nosso testemunho.

Apenas uma santidade com os olhos abertos poderá dar credibilidade a qualquer forma de VRC. Sem o envolvimento e a solidariedade com as vítimas, não será possível haver vida cristã. Não esquecemos que Jesus assumiu sua missão não no deserto, mas nas relações do cotidiano, ensinando a cada um a viver plenamente e a vencer toda forma que pretenda bloquear o crescimento do Reino da Graça.

### Para refletir

1. Como você vive a santidade: ainda fora de contexto, com uma espiritualidade desencarnada, ou a partir de um olhar atento que faz progredir a fé através da solidariedade com as vítimas da história?
2. Como aplicar a máxima “a realidade é superior à ideia” no carisma de sua Congregação? O que deveríamos fazer para sermos mais fiéis à eclesiologia que nos pede uma saída de nós mesmos?
3. O que você entende por santidade de olhos abertos? Essa perspectiva poderia refazer a formação das novas gerações que desejam experimentar de nossos carismas? Seria possível uma formação mais natural e real, sem a fuga mundi?

# INTERCONGREGACIONALIDADE: JUNTOS POR CRISTO E SUA MISSÃO

VERA LUCIA PALERMO<sup>1</sup>

## Introdução

Conta-se em uma história indiana que um homem santo estava indo em peregrinação a um santuário. A viagem era difícil e, enquanto atravessava a floresta, perdeu-se. Por vários dias ele tentou encontrar um caminho que o levasse para fora da floresta. Ele andou por todos os caminhos e em todas as direções, mas foi tudo em vão. Quanto mais ele adentrava a floresta, mais se aprofundava na escuridão.

Eventualmente, ele encontrou um grupo de pessoas. Essas pessoas também estavam perdidas, procurando o caminho certo. Quando viram o homem santo, se alegraram. “Graças a Deus!”, e disseram. “Este homem santo nos salvará. Ele nos mostrará o caminho para sair da floresta.” E imploravam: “Homem de Deus, ensina-nos o caminho”, insistiam. “Estamos perdidas. Ajude-nos ou todos nós vamos perecer”.

Respondeu o homem santo:

Eu não posso dizer qual o caminho que vocês devem tomar, porque eu também estou procurando por isso. Só posso apontar os caminhos que

---

<sup>1</sup> Ir Vera Lucia Palermo SDS – Irmãs do Divino Salvador. (Missionária Salvatoriana - Província São Paulo). Assistente Social pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Especialização em Fé e Política – Centro de Fé e Política D. Helder Câmara – CEFEP – CNBB. Especialização em Bíblia pelo Centro Bíblico Verbo e CEBI. Participou no Projeto Missionário Intercongregacional CRB/SP em Manaquiri/AM/Brasil. Participou do Projeto Missionário Intercongregacional Brasil - Timor Leste –CRB/CNBB

parecem se aprofundar na floresta. Olha, vamos explorar juntos, já que todos nós procuramos o mesmo caminho. Todos nós procuramos o caminho que nos leva à liberdade e salvação. Então vamos caminhar juntos e assim poderemos com mais força encontrar a saída para a liberdade.

**Intercongregacionalidade:** “Vamos explorar juntos, já que todos nós procuramos o mesmo caminho”. A Vida Religiosa Consagrada (VRC), há tempos, vem repetindo: “somos todos missionários”, mas esse “todos” muitas vezes se dissolve e se perde no tempo e no espaço, e já não reconhecemos e não nos damos conta desse caráter missionário de cada um de nós, e dessa responsabilidade com o anúncio da Boa Nova; lutamos para manter nosso metro quadrado de nossa função, nosso grupo, nosso movimento ou carisma; mas a Igreja é muito maior que isso. Juntos, devemos nos posicionar e procurar o caminho e viver nossa essência missionária. A intercongregacionalidade é um caminho apontado pelo Espírito Santo para darmos continuidade à missão confiada a nós por Jesus de Nazaré, centro e fonte de nossos carismas fundacionais e de nossa missão.

Para nos ajudar nesta proposta e convocação de compartilhar nossos carismas por Cristo e sua missão, vamos ver, neste artigo, primeiramente, a proposta missionária de Jesus de Nazaré, em Lucas 4, 16-19. Em seguida, vamos pincelar em poucas palavras como compartilhar essa missão com leigos e leigas envolvendo-os na missão e comunhão com a Igreja. E a seguir, então, vamos refletir alguns pontos sobre intercongregacionalidade, uma vez que este tema já não é novo para nós, pois já temos muitos escritos, bem como dois seminários realizados pela CRB Nacional. No Brasil e em outros países, temos várias experiências de comunidades intercongregacionais com lindas experiências. Lembramos também que a CRB Nacional e as Regionais são experiências concretas de trabalho conjunto entre as Congregações, e algumas há mais de 50 ou 60 anos. Temos também já há muito tempo as experiências intercongregacionais na formação inicial. No entanto, neste artigo, vamos dar ênfase no compartilhar a vida e carismas formando comunidades intercongregacionais em vista da missão.

## A proposta missionária de Jesus de Nazaré

O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor. Lc 4,18-19

Lucas 4,14 diz que, guiado pelo Espírito Santo, Jesus retornou à Galileia e começou a anunciar a Boa Nova do Reino de Deus. Ele foi para as comunidades, ensinou nas sinagogas e chegou a Nazaré, onde foi criado, onde participou desde a infância até os trinta anos. Como costumava fazer, Jesus foi à sinagoga e levantou-se para fazer a leitura. Escolheu um texto de Isaías que falava sobre os pobres, os prisioneiros, os cegos e os oprimidos (Is 61,1-2).

Este texto reflete a situação do povo da Galileia na época de Jesus. Em nome de Deus, Jesus se posiciona em defesa da vida dos mais pobres e, com as palavras de Isaías, define sua missão: (1) anunciar a Boa Nova aos pobres, (2) proclamar a libertação dos presos, (3) devolver a visão aos cegos, (4) devolver a liberdade aos oprimidos e, retornando à antiga tradição dos profetas, (5) proclamar “um ano de graça do Senhor”.

Após a leitura, Jesus atualizou o texto de Isaías dizendo: “Esta Escritura que você acabou de ouvir foi cumprida hoje”. Essa maneira de atualizar o texto provoca uma reação de raiva entre os que estão na sinagoga. Escandalizados, não aceitam que Jesus seja o messias anunciado por Isaías: “Não é este o filho de José?” E se escandalizam por Jesus falar de acolher os pobres, os cegos e os oprimidos. Não aceitam a proposta de Jesus. E assim, quando ele apresenta o projeto para receber os excluídos, ele próprio é excluído.

O objetivo era e continua sendo: restabelecer os direitos dos pobres, acolher os excluídos e reintegrá-los à coexistência. O Jubileu foi um instrumento legal para retornar ao significado original da Lei de Deus. Foi uma oportunidade oferecida por Deus para fazer uma revisão do caminho, para descobrir e corrigir os erros e recomeçar. Jesus começa sua pregação proclamando o Jubileu “Um ano da graça do Senhor”. A experiência que Jesus teve de Deus Pai-Mãe, cheio de amor, deu-lhe um novo olhar para observar a realidade de seu tempo.

Olhando hoje para a realidade de nosso povo, vemos muita semelhança com a realidade do tempo de Jesus. A terra está sendo tomada dos indígenas, dos pequenos proprietários. Muitos estão sendo mortos por lutarem contra os latifundiários. Assim como no tempo de Jesus, há muita injustiça e impunidade.

Necessitamos proclamar o ano da graça do Senhor, pois esta passagem de Lucas nos faz refletir sobre a nossa realidade atual. Estamos vivendo tempos difíceis, e assim como Jesus, somos chamados/as a tomar uma posição em defesa dos pobres e indefesos de nossa sociedade.

Precisamos nos posicionar como VRC em defesa dos injustiçados; das juventudes marginalizadas e excluídas do direito de viver dignamente por falta de um emprego, estudo e lazer. É urgente sairmos em defesa dos indígenas deslocados de seus habitats naturais, sendo obrigados a viverem na miséria, em periferias de cidades. É mais que urgente nossa saída em defesa da mulher que sofre violência de todos os tipos: física, sexual, moral e psicológica. Nesta sociedade machista em que vivemos, muitos se dão o direito de usar, abusar, violentar e assassinar a mulher somente pelo fato de ela ser mulher.

E o Evangelho nos conduz a uma presença de Jesus realmente revolucionária. Ele está presente verdadeiramente entre aqueles que se reúnem em seu nome. “Eu vos digo mais isto: se dois de vós estiverem de acordo, na terra, sobre qualquer coisa que quiserem pedir, meu Pai que está nos céus o concederá. Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou ali, no meio deles” (Mt 18,19-20). Não tanto dois ou mais santos, ou justos, ou melhores do que os outros. A tônica está no “acordo”, decidir-se a estar de acordo e unidos em seu nome e pela sua missão. Estar de acordo e unidos em defesa da vida que sofre significa estar dispostos e prontos a dar a vida uns pelos outros! Que acordos temos em favor da missão?

## Deus Pai e Jesus envolvem outros na sua missão

Jesus chama discípulos e discípulas para segui-lo e os envolve na missão. O Evangelho de Marcos 3,13-14 relata que Jesus chamou os que ele quis para que ficassem com ele e para enviá-los em missão.

Não é possível fazer missão sem se envolver plenamente nela. Envolver significa rodear, abraçar, interceder. Este tipo de envolvimento pleno é-nos demonstrado pelo próprio Deus: em Ex 3, 7s, os verbos apresentados a Moisés:

Deus vê. Eu vi a aflição do meu povo: na experiência do Êxodo, Deus mostra-nos como deve acontecer a missão. Ela nasce em primeiro lugar da percepção. “Eu vi a aflição...” Sem percepção, não há missão. Se não virmos concretamente o que está acontecendo com o povo, as situações de sofrimento e opressão, e se estas situações não nos incomodarem o coração, nunca iremos viver, fazer e ser realmente missão. O que estamos vendo? E se vemos, o que vemos nos incomoda ou não?

Deus ouve. Eu ouvi o seu clamor: acima de tudo, precisamos escutar com os ouvidos e com o coração, entendendo com profundidade qual é o clamor do mundo, do país, da cidade, do bairro. É em torno do clamor do ser humano que nós devemos levar a mensagem de libertação e salvação e desenvolver a nossa missão, porque, se a nossa mensagem não for ao encontro da necessidade deste povo, ele não nos ouvirá nem participará conosco deste processo de libertação. Qual é o clamor, o grito que estamos ouvindo na realidade atual do nosso país? E qual é a nossa posição?

Deus desce. Eu desci para livrá-lo da mão dos seus opressores. Descer é o principal gesto, o mais significativo, Deus não vê de longe, nem tampouco ouve ou fala de longe, Ele se aproxima e envolve seus enviados (Moisés, Arão e Mirian) para que se aproximem também. A missão acontece no Egito, e não em Madiã. É preciso sair do comodismo e do aconchego de Madiã e ir para o Egito. É preciso ser Igreja em saída. Para viver, fazer e ser missão é urgente o “sair” de dentro de si e envolver-se na lama daqueles que amassam o barro dos tijolos do sofrimento e da dor impostos pelo sistema de Faraó (Capitalismo e neoliberalismo que matam hoje).

Deus sente. Jesus chorou a morte de Lázaro, em João 11:33. Em sua humanidade, Jesus foi comovido pela dor humana e chorou com Maria, irmã de Lázaro. Nós, VRC, precisamos redescobrir o Deus do Êxodo (Javé) e o Deus Encarnado, Jesus, para então nos envolver no plano de Deus para libertar o mundo de toda escravidão. No ato da criação, ao moldar o ser humano no barro, Deus se mistura à nossa humanidade, e a nossa humanidade se mistura com Deus, e esta mistura ganha seu ápice na Encarnação de Jesus.

O papa Francisco nos convoca a ser VRC em Saída, pois “a Igreja em saída” é a comunidade de discípulos missionários que “primeireiam”, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam. (EG, 24)

## Missão é um convite para todos

O papa Francisco diz, na sua Exortação Apostólica, que tem um sonho: “Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação” (EG, 27).

Toda a Igreja na América Latina e no Caribe é convocada a viver em estado permanente de missão. A evangelização do Continente, nos disse o papa João Paulo II, não pode ser realizada hoje sem a colaboração dos fiéis leigos. Eles têm de ser uma parte ativa e criativa na elaboração e execução de projetos pastorais em favor da comunidade.

A Missão deve ter especial penetração nos setores culturais, políticos, sociais e econômicos que identificam nossa sociedade globalizada. Para tornar isso possível, temos de reafirmar vigorosamente a missão única e específica dos leigos no mundo. “A missão é tarefa de todos os cristãos, e estes nunca devem perder o sonho da paz”. Papa Francisco 22/11/14

## A missão da Vida Religiosa Consagrada

Um dos grandes dons do Espírito para a Igreja é a VRC. Sua história é uma história missionária. Uma plêiade de homens e mulheres que fazem o seu caminho no meio da história humana, alcançando os lugares mais remotos do mundo, com o único propósito de testemunhar e compartilhar a alegria da fé no Deus da Vida.

Nessa diversidade de carismas, a VRC mostra sua ação evangelizadora mais eficaz: sua própria vida, seu testemunho, sua confraria, sua pobreza, seu desaproprio, sua liberdade de amar, docilidade e abertura. A maior contribuição para a Missão na Igreja não é o poder de suas estruturas institucionais e eficácia do seu trabalho, mas o frescor do seu carisma fundacional, a atração da espiritualidade, a beleza da presença viva e encarnada na história dos direitos humanos e a audácia de suas opções de fronteira. Nas palavras do papa Bento XVI, “as pessoas consagradas têm hoje a tarefa de ser testemunhas da presença de Deus que transfigura um mundo cada vez mais desorientado e confuso.”

A VRC carrega consigo uma paixão missionária irreprimível; ela é caminhante incansável do Reino; ela não conhece fronteiras e está sempre ao ar livre do mundo e da história humana. Porém, hoje, a VRC em saída precisa de audácia, disponibilidade e itinerância, pois ainda existem vagas nas fronteiras onde ilegais, imigrantes indocumentados, refugiados e imigrantes ilegais, presos, pobres, indígenas, mulheres, jovens e crianças, com quem ninguém quer complicar a sua vida, ali onde tudo precisa ser feito. Ali onde ninguém quer ir. Existem as novas fronteiras. Estas são as terras sagradas dos pobres que os consagrados e consagrados são convidados a trilhar; lugar onde Deus se manifesta.

Não podemos permanecer calmos na espera passiva em nossos templos, mas é urgente ir em todas as direções para proclamar que o mal e a morte não têm a última palavra, que o amor é mais forte, que fomos libertados e salvos pela vitória da Páscoa de Deus. O Senhor da história nos convoca como discípulos/os e missionárias/os na construção de seu Reino no Mundo, a Ser uma VRC em saída, indo ao encontro da vida a exemplo de Maria.

Precisamos ser testemunhas missionárias: nas grandes cidades e campos, nas montanhas e selvas do nosso mundo, em todos os ambientes de convivência social, nos mais diversos “areópagos” da vida pública das nações, em situações extremas de inexistência, assumindo com disponibilidade as solicitações para a missão universal da Igreja.

## Juntos por Cristo

*“Caminhar juntos é sempre um enriquecimento e pode abrir caminhos novos nas relações entre povos e culturas que, neste período, aparecem carregadas de dificuldades.” (Papa Francisco, Carta Apostólica às Pessoas Consagradas, III, 4)*

A intercongregacionalidade por Cristo e sua missão tem outro sentido para a VRC quando esta sai de si mesma e parte em busca de um novo jeito de viver e ser presença no meio do povo. Compartilhar carisma, firmar alianças, tecer redes entre os religiosos, leigos e leigas é um caminho que o Espírito vem nos inspirando. Mas, será que estamos conscientes desta inspiração do Espírito, ou ainda estamos tão distraídos com nossos afazeres cotidianos, com nossos problemas de falta de vocação, com envelhecimento, com doenças, que não estamos escutando os gemidos que vêm do Espírito? A experiência nos mostra que, apesar de muito se falar de Intercongregacionalidade, esse tema não tem o devido impacto dentro das comunidades de VRC.

A intercongregacionalidade não é para resolver nossas questões vocacionais e de envelhecimento. Ela é um convite à partilha do pão e do chão. É um convite para compartilhar caminhos, sonhos, esperanças, tristezas e alegrias. Dar as mãos e rezar juntos que o Pai é nosso, o pão de cada dia é nosso.

Em um mundo marcado pelo individualismo globalizado, a VRC é chamada a despertar a sociedade para a mística do encontro e da convivialidade através de sinais proféticos de comunhão. Somos chamados a passar do “self” narcisista da moda ao retrato completo (e complexo)



do conjunto. A Intercongregacionalidade – o trabalho missionário em conjunto de congregações diferentes em prol da missão – é uma maneira de ser profecia em um mundo cada vez mais voltado para a imagem. AVRC carrega na alma simplicidade, pequenez, espontaneidade, abertura, liberdade, pobreza, martírio e disponibilidade.

Não é um sonho novo! Há muito que formandos e formandas fazem parte do caminho formativo juntos durante sessões temáticas de formação prolongadas. Se não é algo novo para nós, por que temos tanto medo de nos envolver e nos dispor a compartilhar a essência do carisma fundacional uma vez que temos a mesma raiz, Jesus Cristo?

## Juntos pela missão

*Saiamos, saiamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo. (EG 49)*

A missão é o motivo primeiro de intercongregar os carismas, por isso somos convidadas/os a nos deixar conduzir pelo Espírito Santo. Dessa forma, obedientes ao Espírito de Deus, somos conduzidas/os além-fronteiras de nossas Congregações para outros lugares onde a vida é ameaçada e a criação geme em dores de parto. Dessa forma os Carismas partilhados se tornam sementes lançadas em outros campos para germinarem e florescerem propostas novas para vivermos como VRC em estado permanente de profecia.

O centro e fonte de cada carisma é Jesus de Nazaré, encarnado na vida humana para nos divinizar. A partilha de vida e de carismas nos enriquece, nos questiona e nos impulsiona, porque nos faz voltar às fontes de nossas fundações, que, embora geradas por pessoas diferentes, todas tiveram a mesma fonte original: Jesus de Nazaré.

Ele é nosso ponto de união, o elo que une os fios da espiritualidade e missão de cada instituto. É Ele quem sela nossas alianças intercongregacionais. Unimo-nos não porque temos poucas vocações e ou estamos em crise, mas pela missão. O que nos sustenta nesta Aliança é um grande ardor e amor missionário, fruto de uma mística que coloca Deus no centro da vida e da missão a qual somos convocadas/os a viver.

## Projetos intercongregacionais e o trabalho em rede

Como já dissemos, a intercongregacionalidade não é novidade. Houve experiências de trabalho conjunto belíssimas entre diferentes

institutos religiosos durante séculos, mas o conceito não adotou uma carta de cidadania até o Concílio Vaticano II. Existem três áreas em que o trabalho comum avançou nos últimos anos.

Por um lado, a formação. É uma prática comum onde não apenas a formação inicial na VRC é compartilhada, mas a riqueza dos diferentes carismas é vivenciada.

Outra área, talvez menos explorada, mas com grande potencial, é a educação.

Porém, a área onde medidas mais firmes foram tomadas nos últimos anos é no social. Congregações e leigos/as se unem para o trabalho em rede contra o tráfico humano, JUPIC, (Justiça, Paz e Integridade da Criação), Rede um Grito pela Vida. É uma rede intercongregacional em favor da vida daqueles/as que são vítimas do tráfico, exploração sexual e ou escravidão, bem como outras situações que ferem a vida humana.

O trabalho em rede permite maior flexibilidade para responder aos desafios que surgem no campo social. Quando colocamos a missão e as pessoas que tentamos servir no centro, somos convidados a ser mais generosos, saltando sobre nossa cegueira de curto prazo.

Os pilares de um projeto intercongregacional e os elementos que têm cimentado o desenvolvimento destes projetos na esfera social têm a ver com o desejo de trabalhar juntos, colocar as pessoas no centro e nos fortalecer em apoio mútuo, sabendo que juntos nós não apenas crescemos, mas nós multiplicamos o efeito. Essas atividades são baseadas em colaboração e networking. Em cada congregação, diferentes capacidades são reconhecidas, mas nenhuma delas pode dar uma resposta integral aos grupos em situação ou em risco de exclusão social a que os projetos assistem. Quando somados, é mais fácil dar uma atenção integral à pessoa, envolver-se na defesa de seus direitos e trazer dignidade à sua vida.

Outro elemento importante é ajudar a tornar visível em nossa sociedade a esperança evangélica, que se torna carne nos sinais e sementes do Reino que o Senhor está semeando através desses projetos. Nesse sentido, é importante gerar vínculos dentro da sociedade civil e das instituições, ajudando a colocar no centro a realidade das pessoas mais vulneráveis. O olhar inclusivo e intercultural surge dentro dos projetos intercongregacionais como uma resposta de fé e compromisso. As pessoas que fazem parte da grande família intercongregacional são muitas, e todas tentam adicionar e buscar a verdade. Isso é feito andando. É

um caminho em que estamos aprendendo a reconhecer e reconhecer uns aos outros, sabendo que trabalhar em conjunto nem sempre é fácil. É preciso de uma boa dose de humildade e não antecipar o Espírito.

Porém, precisamos dar passos para intercongregar a missão e, “sair para ‘as periferias do mundo’”, sermos “peritas/os em comunhão” ... viver uma “espiritualidade da comunhão”, que se torne realidade e precisamos estar de vanguarda abraçando “o grande desafio que nos espera” ... “fazer da igreja a casa e a escola da comunhão” ... É “a mística do viver juntos” que faz de nossa vida “uma peregrinação sagrada” ...

*“Espero que cresça a comunhão entre os membros dos diferentes institutos. Não poderia este ano ser ocasião de sair, com maior coragem das fronteiras do próprio instituto para elaborar em conjunto, em nível local e global, projetos comuns de formação, de evangelização, de intervenções sociais? Poder-se-á assim oferecer, de forma mais eficaz, um real testemunho profético. A comunhão e o encontro entre carismas e vocações é um caminho de esperança”* (Papa Francisco Carta Apostólica às Pessoas Consagradas)

## Conclusão

São muitas as interpelações do Espírito para a VRC, e também à Igreja, nestes tempos de tantas incertezas políticas, econômicas e sociais. Estamos vivendo, em nível mundial, uma desvalorização do ser humano. A violência institucionalizada permeia os quatro cantos do mundo. E o que pede Deus de nós, hoje? Será que estamos dando tempo ao nosso coração para ouvir o que Deus está pedindo a nós, VRC, nesta realidade hodierna? Será que temos coragem de dar uma resposta concreta e nos envolver na luta para resgatar a vida de milhares de empobrecidos pelo sistema capitalista neoliberal, que domina nosso país e o mundo? Ou é melhor espionar a vida pela janela e deixá-la envelhecer de portas fechadas?

A missão de evangelizar como Cristo fez significa participar na sua obra salvadora, ajudar cada pessoa a descobrir a sua imensa dignidade, “o que de bom há no coração e no espírito dos homens”, (Ad Gentes, 9).

A busca da beleza divina impele as pessoas consagradas a cuidarem da imagem divina deformada nos rostos de irmãos e irmãs: rostos desfigurados pela fome, rostos desiludidos pelas promessas políticas, rostos humilhados de quem vê desprezada a própria cultura, rostos assustados pela violência cotidiana indiscriminada, rostos angustiados

de menores, rostos de mulheres ofendidas e humilhadas, rostos cansados de migrantes sem um digno acolhimento, rostos de idosos sem as mínimas condições para uma vida digna (181). A vida consagrada prova, assim, com a eloquência das obras, que a caridade divina é fundamento e estímulo do amor gratuito e operoso (n. 75). Vita Consecrata

É bom frisar que a missão dos consagrados está enraizada no amor a Jesus Cristo, no seu seguimento. Assim o sublinhou o papa Francisco na sua Mensagem para a Jornada Mundial das Missões:

O seguimento de Jesus, que motivou a aparição da vida consagrada na Igreja, é resposta à chamada para se tomar a cruz e segui-Lo, imitar a sua dedicação ao Pai e os seus gestos de serviço e amor, perder a vida a fim de a reencontrar. E, dado que toda a vida de Cristo tem caráter missionário, os homens e mulheres que O seguem mais de perto assumem plenamente este mesmo caráter.

SAIR é a palavra-chave, pois só vê o Sol quem abre as janelas da casa e só pode contemplar a Lua quem tem coragem de SAIR à noite. A interpelação do Espírito Santo para nós, hoje, é ser uma VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA EM SAÍDA. Saíamos juntas/os, às pressas, para onde a vida clama. O ícone bíblico para a nossa missão é Maria, Mulher a caminho. Ela sobe apressadamente para servir e permanece por lá, servindo. Só retorna quando o dever foi cumprido. Ela só retorna quando pode visualizar, contemplar e se alegrar com o rosto novo, o rosto da esperança nascido de Isabel.

### Para reflexão pessoal

1. O programa de Jesus é realmente nosso programa ou “meu” programa?
2. O que me dá forças para levar a cabo a missão que Jesus nos deu?
3. O que realmente impede a minha congregação ou instituto de aderir a um projeto Intercongregacional em vista da missão? De que temos medo?
4. Como assumir um trabalho missionário em comunhão com os/as leigos/as?

## Bibliografia

- ANO DA VIDA CONSAGRADA. Alegrai-vos. Carta Circular às pessoas Consagradas do Magistério do Papa Francisco. São Paulo: Paulinas, 2014.
- \_\_\_\_\_. Perscrutai. Carta Circular aos Consagrados e Consagradas do Magistério do Papa Francisco: São Paulo: Paulinas, 2014.
- ARNAIZ, José Maria. Intercongregacionalidade: possível, conveniente, necessária e indispensável. *Convergência*, n. 450, abr. 2012.
- CARTA APOSTÓLICA. Às pessoas consagradas, em ocasião do Ano da Vida Consagrada. São Paulo: Paulinas, 2014.
- DULLIUS, Ir. Paulo, FSC Intercongregacionalidade Solidariedade Inter congregacional - BOLETIM UISG - Nº 161, Assembleia Roma 2016
- EXORTAÇÃO Apostólica Pós-Sinodal - Vita Consecrata - Papa João Paulo II
- LA VIDA RELIGIOSA: Don del Espíritu al servicio de la humanización. Memorias del Congreso de Teología de la Vida Religiosa-Bogotá, D.C., 16 al 18 de abril de 2010
- Libânio, João Batista. Ampliar Alianças Intercongregacionais. *Convergência*, ano XLIII, n. 410, abr. 2008.
- MESTERS, Carlos, O. Carm. A Prática Libertadora de Jesus - Fevereiro 2005. Comissão Internacional de Justiça e Paz da Ordem do Carmo
- OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de- Viver em Comunidade para a Missão: Um chamado à Vida Religiosa Consagrada- Paulos - 2013
- PALERMO, Vera Lucia. Intercongregacionalidade: um jeito novo de viver a Vida Consagrada além-congregação e além-fronteiras. *Revista CLAR: Revista Trimestral de Vida Religiosa*, ISSN 0124-2172, vol. 49, n. 3, p. 89-9, 2011.
- \_\_\_\_\_, Ano da Vida Consagrada e a Intercongregacionalidade, *Convergência* 485 Outubro 2015 • ANO L
- \_\_\_\_\_, Intercongregacionalidade: Novo caminho que se abre em vista da Missão - Texto base para assembleia geral eletiva CRB 2013
- PAPA, Francisco. Encíclica Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2014.

ROBAINA. Cristina, stj Raíz Carismática de La Inter-Congregacionalidad – Congreso Vc. Uruguay

RAMÍREZ, Ómer de Jesús Giraldo, MXY, Inter-Congregacionalidad en la Misión Ad Gentes Congreso VC. Uruguay

ZWETSC, Roberto Ervino, Missão como Com-Paixão Por uma Teologia da Missão Ee Perspectiva Latino-Americana - Tese de Doutorado - São Leopoldo, Julho de 2007

# PLENAMENTE HUMANO, SIMPLEMENTE IRMÃO: REFLEXÃO SOBRE O VALOR DA CONSAGRAÇÃO RELIGIOSA E DA MATURIDADE HUMANA<sup>1</sup>

FREI EDIMAR FERNANDO MOREIRA, CARMELITA<sup>2</sup>

A imagem do irmão teve diversas facetas ao longo dos séculos. Em seu início, a Vida Religiosa Consagrada (VRC) masculina era laical. Pouco a pouco, a maioria dos institutos religiosos foi se clericalizando. O importante era ser padre. A vocação religiosa laical era de segunda categoria, incompleta.

A recuperação do reconhecimento da singularidade e atualidade da vocação do irmão é urgente. Em nível tanto latino-americano, quanto nacional, muitos encontros e seminários têm fomentado essa discussão. Os últimos Papas também têm acenado para a importância dessa vocação para a Igreja.

A afirmação, contida em parte de nosso título, “simplesmente irmão”, quer ser uma resposta a um apelo teológico, eclesial e pastoral. Principalmente dentro de institutos chamados clericais ou mistos, há

1 Esse artigo faz parte de uma coletânea de artigos a serem publicados ao longo deste ano, por ocasião do V Seminário Nacional de Religiosos Irmãos. Ele ocorrerá de 17 a 20 de outubro de 2019, em Fortaleza. Tem por tema “Plenamente humano, simplesmente irmão”, com o lema “Maria, peregrina na fé”.

2 Frade Carmelita. Reside em Florianópolis-SC. Possui graduação em Filosofia (PUC-PR) e em Teologia (FAJE-MG); especialização em Espiritualidade Carmelitana (WTU-EUA) e em Formação Humana (IATES-PR), em andamento; mestrado em Teologia (FAJE), com dissertação sob o título de: “‘Irmãos, simplesmente irmãos’: um olhar sobre a vocação do religioso irmão na Igreja”. Atua como formador do Postulando e docente de Teologia na Faculdade Católica de Santa Catarina. É o coordenador da equipe de preparação do V Seminário. Contato: edimar\_fernando@yahoo.com.br

uma pergunta recorrente aos que abraçam a VCR como irmão: “Você, então, é só irmão”? O adjetivo “só” deixa transparecer uma noção de falta de algo, de ausência. Lamentavelmente, muitas vezes, permanece uma certa mentalidade equivocada de que tais religiosos são pessoas que não são nem presbíteros nem seculares, mas que estão situadas no meio do caminho, incompletas, indefinidas.

“Simplesmente irmão” é um recorte de um mantra marista: “Somos irmãos, simplesmente irmãos”. Ele foi composto pelo grupo de noviços maristas, com melodia do Irmão Ronivon Luiz da Silva, no ano de 2012, em Passo Fundo, RS. Se o adjetivo “só” pode remeter a uma visão pejorativa, o advérbio “simplesmente” se apresenta como modalidade positiva de qualificar tal vocação: somos (simplesmente) irmãos, e isso basta!

A incompreensão do que é a VRC pode comprometer toda a vivência e missão dos religiosos na Igreja. A própria necessidade de defender o modo de vida do irmão, inclusive dentro da própria VRC, já revela uma lacuna na formação religiosa como um todo. Para ilustrar essa situação, encontramos facilmente muitos irmãos aptos a darem exemplos de situações que tiveram sua vocação questionada por toda sorte de fiéis na Igreja, inclusive bispos, religiosos presbíteros e religiosas. Só o questionamento desses já parece indicar uma incompreensão da própria vocação que cada um deles assumiu na Igreja.

Em nossa reflexão, porém, queremos partir de uma visão daquilo que é positivo do contexto da vocação do irmão. O objetivo de nosso artigo é identificar a consagração religiosa como o elemento chave para a compreensão da vocação do irmão humanamente maduro. Para tal, primeiro, quer-se apresentar que a consagração do irmão está radicada no batismo. Segundo, arguir que a dimensão do “ser” irmão revela um elemento essencial de sua vocação. Terceiro, refletir como a maturidade humana possibilita uma vocação religiosa mais plenificada.

## Consagrados por um único batismo

O fenômeno da VRC não é exclusivamente cristão ou católico, mas antropológico-religioso. Mesmo que em número mais reduzido, outras confissões religiosas cristãs ou outras religiões também têm formas de vida com semelhanças em relação à VRC. Em alguma medida, isso manifesta a tendência humana rumo à santidade ou, de modo mais amplo, ao mistério. Nesse encontro com aquilo que transcende



a contingência humana, buscam viver, a partir da simplicidade e austeridade, numa profunda relação com o “santo” e em harmonia com o cosmos e com as pessoas a sua volta. Tais grupos minoritários, por sua vez, exercem uma função simbólica, crítica e transformadora para o restante da sociedade (cf. MACCISE, 2005, p. 3; BOFF C., 1994, p. 564-565; VAN GENNEP, 1978, p. 70-103).

A Igreja compreende tais homens e mulheres primeiramente como consagrados e consagradas. Pelo chamado a esse modo de vida é que chegam à profissão religiosa, pela qual se consagram a Deus, por meio do mistério da Igreja, passando, concomitantemente, a fazer parte de uma família religiosa. São consagrados e consagradas a Deus em Jesus para que sua pertença seja exclusiva a Ele (cf. *Redemptionis Donum* 7). Essa consagração, porém, está radicada no batismo. Talvez um dos motivos da incompreensão da consagração religiosa resida na dificuldade, entre os cristãos, muitas vezes, de compreenderem o mistério por detrás do sacramento do batismo.

Na tradição cristã, o batismo é a porta de entrada para a vida da comunidade. Os batizados, afirma LG 10, “pela regeneração e unção do Espírito Santo, são consagrados como casa espiritual e sacerdócio santo”. Por isso, não podemos pensar nenhum ministério ou estado de vida que não tenha sua base comum nesse sacramento. O ensinamento conciliar recupera a riqueza da consagração religiosa colocando-a numa posição justaposta ao batismo (Cf. SAUVAGE, 2003, p. 273).

A definição de Karl Rahner sobre a vida religiosa nos ajuda a compreender tal modo de ser na Igreja:

os votos relativos aos conselhos evangélicos têm, essencialmente, um aspecto eclesiológico, isto é, não conferem ao que os pronuncia nem potestade hierárquica nem um *estado* na Igreja baseado *nessa* potestade, pelo qual se distingue do povo da Igreja enquanto tal. Contudo, os conselhos evangélicos são no mundo expressão, visibilidade e representação de uma peculiaridade muito determinada da essência da Igreja, a saber: de sua precedência e seu destino ultramundanos. Devem, portanto, existir na Igreja enquanto é a aparência histórica e visível da transcendente e escatológica graça de Cristo (1963, p. 341).

O objetivo da consagração religiosa não é mais do que “colher frutos mais abundantes da graça batismal” (LG 44). Isso se concretizará por meio da profissão dos conselhos evangélicos (cf. LG 44). Assim, “nesse povo de consagrados nasce e se insere a vida consagrada e, dentro dela, a vida religiosa laica com uma nova e especial consagração que desenvolve e aprofunda a consagração batismal” (VC 30; Cong. IMI 06).

Santo Tomás define os religiosos como aqueles “que se consagram totalmente ao serviço de Deus e que, por assim dizer, se oferecem em holocausto a Ele” (*STh* II-II, q. 186, a. 1). Ou seja, pela consagração, o religioso se oferece totalmente, tanto a si quanto os seus bens, ao culto divino (cf. *STh* II-II, q. 186, a. 1, ad 1.). Essa oferta de si mesmo se dá concretamente por meio dos três votos religiosos: pobreza, continência e obediência (cf. *STh* II-II, q. 186, a. 7.). Trata-se, portanto, de uma vida toda oferecida a Deus, como culto espiritual.

Segundo a Comissão dos Superiores Gerais dos Institutos Religiosos Laicais, embora essa consagração não acrescente nada à consagração batismal, implica elementos e condicionamentos específicos na forma de vivê-la. Nesse sentido, “o religioso leigo deve agir de tal modo que a oração seja uma atitude normal em sua vida, a fim de que a oração e vida se enriqueçam mutuamente” (COMISSÃO, 1991, p. 34.). Aqui, portanto, temos uma expressão plena da consagração e do sacerdócio batismais (cf. *Ibid.*, p. 31-35).

O Decreto conciliar *Perfectae Caritatis* 10, nesse sentido, afirma que “a vida religiosa laical, tanto de homens como de mulheres, constitui em si mesma um estado completo da profissão dos conselhos”. Durante o Concílio Vaticano II, dois bispos, em nome de muitos outros, defenderam que ela é um modo de vida perfeito para se viver na Igreja o sacerdócio espiritual, enquanto caminho inteiramente evangélico em vista de realizar as dimensões fundamentais da vocação cristã (Cf. AGUILAR, 1967, p. 447-448).

Outro bispo, por sua vez, ajudou os Padres a perceberem “que reconhecer a plena validade das instituições religiosas laicais era o único modo eficaz e prático de reconhecer a vida religiosa por si mesma dentro da Igreja” (*Ibid.*, p. 448). Tais considerações visavam, antes, rechaçar qualquer visão clericalista que considerasse a vida religiosa laical como de segunda categoria.

Assim, o religioso, e, particularmente, o irmão, pode ser identificado como “um profissional do ‘culto’, desse culto espiritual que consiste em oferecer-se ao Pai como sacrifício de agradável odor, em Cristo, pelo movimento do Espírito Santo” (*Cong. IMI*, 10). Isso se revela na vida concreta do trabalho. Esse, por sua vez, deve ser compreendido como um sacrifício de obediência oferecido a Deus.

A consagração expressa no serviço indica que quando o irmão realiza determinado trabalho, por exemplo, nele não está contido apenas o sacrifício de si mesmo, mas de uma parcela do mundo que faz voltar assim a Deus. Trata-se, portanto, de um trabalho cujo valor supera os

horizontes terrestres (cf. SAUVAGE, 2003, p. 336-341). Vislumbra-se, com isso, na vida do irmão, a unidade entre o sagrado e o profano, evidenciada, sobretudo, na encarnação do Filho de Deus (cf. *Cong. IMI*, 10).

## A primazia do ser

O dado mais fundamental e essencial da experiência de um irmão parece estar no seu chamado e envio a “ser” irmão. Em outras palavras, a qualidade de sua vida não é medida pelo que *faz*, mas sim por aquilo que ele “é” (TURU. In: III SIMPOSIO, 2011, p. 44). Lamentavelmente, o “fazer”, ao longo da história da VRC, foi tomando o lugar do “ser”.

Esse fenômeno não é novo (cf. Lc 10,38-43). Contudo, principalmente após o advento da Revolução Industrial, tornou-se ainda mais evidente. Assim, o “fascínio sedutor do produtivismo e da produtividade crescentes começa a fazer parte da própria VRC, tornando-se às vezes sua dimensão privilegiada”. Muitas vezes, buscou-se justificar esse ativismo, inclusive, no fato de determinados institutos terem sido fundados com vistas a uma determinada perspectiva apostólica. Com isso, “toma-se a parte pelo todo, o secundário pelo essencial” (GONÇALVES, 2017, p. 22.).

Na dimensão do “ser”, os temas da experiência de Deus, do encontro pessoal e íntimo com Jesus e sua Boa-Nova, bem como da comunhão e da convivência entre as pessoas são implícitos e centrais. Mas, quando emerge a ênfase puramente no “fazer”, “verifica-se um deslocamento da primazia da ação do Espírito na vida pessoal e comunitária para o afã irrequieto e irrefreável de multiplicar obras e atividades” (*Ibid*, p. 22).

Nesse sentido, alerta Gonçalves,

os critérios da produção em velocidade, próprios da economia capitalista, cada vez maior invadem comunidades e institutos. Esse deslocamento explica a frenética corrida de não poucas congregações de VRC ao acúmulo de obras em diversos campos: assistência social, saúde, educação, promoção humana, entre outros. A multiplicação das obras torna-se a unidade de medida do grau de incidência e de eficácia na VRC. Pior ainda, o valor de tais atividades – as quais, no fundo, conduzem bem cedo ao ativismo puro e simples – longe de representar a ação do Espírito na Igreja, passa a ser atribuído ao mérito e capacitação pessoal, ou à eficácia deste ou daquele instituto (*Ibid.*, p. 22).

O documento sobre os irmãos critica profundamente o ativismo, pois ele acaba por esvaziar as motivações evangélicas e impede o irmão de

contemplar a obra que o próprio Deus realiza na sua ação apostólica. Desse modo, a vontade de Deus acaba sendo substituída pela vontade própria e pela busca de autossatisfação (*Cong. IMI* 40).

A profecia é a chave da vocação da VRC. Por isso, é um grande erro apreciar a VRC mais sob o aspecto da utilidade em detrimento daquilo que ela realmente é. A Igreja reconhece a VRC dos religiosos como um meio de evangelização, por si mesma, eficaz. Afinal, a VRC é mais importante por seu caráter profético e testemunhal do que por sua utilidade, mesmo pastoral (cf. COMISSÃO, 1991, p. 45-46; 73-75).

Essa profecia se configura na vida dos irmãos não tanto por grandes atos ou ofícios, mas pela própria simplicidade de sua consagração. Cria-se, assim, um poderoso paradoxo que faz de suas próprias vidas um ato profético. Ele, orientado e liberado por meio de seus votos religiosos para buscar a vida no espírito, deve ser capaz de estabelecer novos modos de relacionamento fora e dentro da Igreja, bem como encarnar uma vida de serviço (cf. COUGHLIN. In: MEISTER, 1993, p. 145). Contudo, está claro que é a “forma de vida” que qualifica o ministério da VRC como profético, e não, necessariamente, cada uma das pessoas que ingressam nela. Portanto, “não estamos afirmando que todos os religiosos são profetas ou que a vida religiosa tem o monopólio do carisma da profecia na Igreja” (TURU. In: III SIMPOSIO, 2011, p. 45).

Nessa dimensão profética, há duas palavras que ajudam na definição da vocação do irmão na Igreja e no mundo: sinal e memória. O irmão recorda a todo batizado a sua consciência dos valores fundamentais do Evangelho, bem como a necessidade de se responder com a santidade de vida ao chamado de amor que Deus nos faz (cf. Rm 5,5; *Cong. IMI* 7). Nas palavras do Concílio Vaticano II, “a profissão dos conselhos evangélicos se apresenta como um sinal que pode e deve atrair eficazmente todos os membros da Igreja para o cumprimento dedicado dos deveres impostos pela vocação cristã” (LG 44).

O próprio documento dos irmãos interpreta essa passagem salientando que a dimensão do sinal não é para si, mas algo externo, que está em função da comunidade eclesial. Com isso, a própria consagração religiosa torna-se “um convite para que cada um conceba sua vida como um caminho de radicalidade nas diferentes situações e estados de vida, abertura aos dons e às inspirações do Espírito” (*Cong. IMI* 7; cf. VC 84-94).

Os irmãos assumem o compromisso público de tornar o rosto de Jesus-irmão visível. A VRC é sinal de que o mistério de Cristo se realiza

já na contingência de nosso tempo, aqui e agora, por meio da Igreja. Por isso, ela surge como “memória viva do modo de ser de Jesus, como Verbo encarnado, ante o Pai e ante os irmãos” (*Cong. IMI 15; VC 22*).

Assim, a história dos diversos grupos de irmãos, mas também a existência de religiosos que abraçam hoje esse modo de vida surge como memória. O cristão deve ser memória viva da vida, paixão, morte e ressurreição de Cristo. Por isso, nela está contida determinada antecipação do futuro, cujo horizonte é o da esperança dos fracassados e oprimidos. Metz chama essa memória de perigosa (cf. 1981, p. 105-106; ver também: SCHIELER, 1999, p. 64; FORKAN, 2011, p.49-51). Tal memória, na compreensão de Carlos Mesters, é fonte de constantes tensões salutares na comunidade, ajuda o povo a encontrar sua identidade e corrobora para uma abertura à renovação (cf. MESTERS. In: SECONDIN, 1985, p. 20).

Aqueles que buscam ser parte da família de Jesus, seus irmãos, devem ser “uma recordação perigosa e libertadora, que importuna e põe em questão o presente, porque ela não recorda um futuro qualquer aberto, mas este futuro, e porque ela força o crente a se modificar constantemente para dar atenção a este futuro” (METZ, 1981, p. 105-106). Por isso, ao retomar a história dos irmãos, surge ela mesma como potência libertadora.

A partir daí, podemos reafirmar que o valor fundamental que o cristão tem está não na atividade que ele exerce, mas na condição de discípulo que assume pelo batismo. Ele *faz* porque *é*, e não o contrário. Os irmãos – e tampouco as irmãs ou os religiosos presbíteros – não são moeda de troca, não são máquinas de serviço ou empregados do sagrado. São homens que buscam seguir a Cristo de modo autêntico e que, por isso, assumem em seus ofícios e serviços atitudes que expressam um carisma e promovem a propagação do Reino de Deus.

O simples fato de ser consagrado já desponta como profecia na Igreja para o mundo. Mas, em uma sociedade que recorda a cada instante a importância do “fazer”, no qual, por vezes reina o desejo da aparência, somente a maturidade humana poderá fazer com que uma vocação seja vivida em sua plenitude.

## Plenamente humano

Os irmãos são homens e vivem sua vocação como tais. O fato de serem homens é importante para a construção de sua identidade. Sua consideração ajudará tanto na construção de novos paradigmas quanto

no olhar crítico sobre determinadas realidades. Joseph Martin atribui o início da crise de papéis quando a VRC, tanto de irmãos quanto de irmãs, passa a ser considerada uma força de trabalho na Igreja mais que um testemunho profético (In.: MEISTER, 1993, p. 196).

Irmãos e irmãs são convidados a conviverem a partir de ambientes inclusivos que pressupõem “a valorização do sentimento, do coração, da proximidade, do relacionamento, tão desprezados na cultura machista. Os varões precisam assumir esses valores como contrapeso à eficiência, concorrência, autoritarismo” (TABORDA, 1990, 319). Nesse sentido, a relação homem-mulher não se baseia numa complementação, mas em reciprocidade e em mutualidade. Nisso se encontrará a humanização (cf. *Ibid.*; ver também: JOHNSON, 2006, p. 77-100).

A VRC costuma preocupar-se em oferecer uma proposta holística de vida, integrando todas as dimensões do ser humano necessárias para o desenvolvimento e maturidade humana. Nesse sentido, “a vida espiritual permite a muitos irmãos a incorporarem algum senso das chamadas qualidades femininas necessárias para uma masculinidade integrada: receptividade, acolhida, paciência, vulnerabilidade, humildade e confiança”. O balanço desses dois polos, masculino e feminino, pode oferecer uma grande maturidade humana aos irmãos (cf. MARTIN. In.: MEISTER, 1993, p. 198-199).

Mesmo que a pregação e o ministério sacramental sejam considerados o centro e um marco para alguns institutos mistos, cada vez mais se redescobre o valor da comunidade mesma, como lugar central na VRC. Para Werthmann,

aqui é onde o dom dos irmãos, se for reconhecido, pode ser usado mais efetivamente. O exemplo dos irmãos relacionando-se com os outros pode tornar-se uma inspiração para as congregações clericais, servindo como modelo para uma verdadeira construção comunitária dentro de uma missão mais ampla de cada instituto (In.: MEISTER, 1993, p. 93).

O irmão, quando equilibrado e bem integrado, representa uma possibilidade de homem alternativo para a sociedade e para o interior de seus institutos, tantas vezes marcados por valores do anti-reino. O ser humano ainda busca por referências. Os jovens anseiam por comunidade e espiritualidade. Para muitos, as gangues acabam se apresentando como uma alternativa para a carência de comunidade, e as drogas como caminho de busca por comunhão ou êxtase. Por isso, os “irmãos que são modelos masculinos saudáveis poderiam ajudar na cura de algumas dessas situações

doentias” (MARTIN. In.: MEISTER, 1993, p. 198). Para desempenhar tal papel, porém, o irmão deve ter a coragem para uma viagem interior. Requer-se dele uma abertura interior para se transformar.

No período pré-conciliar, salientava-se muito o quanto os irmãos eram devotados e simples. Com o avanço das ciências humanas e a apropriação de conhecimentos psicológicos, hoje percebemos que até mesmo esse devotamento e simplicidade escondiam, na verdade, muitas vezes, diversas questões humanas não trabalhadas. A mudança de função, por exemplo, era uma situação na qual isso ficava bastante explícito (cf. HELLDOFER. In.: ARMSTRONG, 1988, p. 83-84).

Em comunidades religiosas, a preocupação com o crescimento humano de todos os seus membros deve ser uma norma. Não podemos abrir mão de uma formação humana contundente e profunda. Muitas desolações pessoais na realização humana como pessoa e muitas das dificuldades no convívio comunitário estão vinculadas à pouca maturidade humana. O processo de maturação é longo, leva uma vida. Não podemos, contudo, nos furtar desse desafio. É a busca pela vivência de sua humanidade em plenitude que tornará o homem capaz de viver sua vocação divina.

## Considerações finais

A dimensão da consagração é o primeiro elemento que deve estar bem integrado no irmão, pois ela o fará plenamente humano. Nela, a pessoa estabelece sua adesão firme ao projeto do Reino. Demanda, por isso, da pessoa, um profundo autoconhecimento e discernimento, trazendo presente sua história e seus sonhos, bem como tudo aquilo que lhe é característico para ofertar a Deus como sacrifício de suave odor. Desse modo, o irmão oferecerá ao mundo um modelo de seguimento de Jesus a partir de relações interpessoais saudáveis e humanizadoras. Se o irmão colocar suas energias em outras coisas que não sejam o projeto do Reino de Deus, sua vocação estará fadada ao fracasso, e provavelmente não viverá uma vida feliz.

Por isso, nossa percepção indica que o ideal da vocação do irmão constitui um modo de vida alternativo de relações para o mundo e é um sinal de esperança e renovação para a VRC hoje. Ele traz presente a busca primeira pelo seguimento de Jesus consagrado ao Pai, irmão e servo. É esse o mistério que há tanto tempo tem estado escondido em tantos conventos pela vida e testemunho de irmãos que, na cotidianidade e simplicidade de suas relações e tarefas, revelam o rosto de Jesus irmão. Sim, são irmãos. Nada mais que isso. Simplesmente irmãos!

**Para refletir:**

1. Na Pastoral Vocacional de sua diocese ou congregação, apresenta-se a vocação do irmão como um dos caminhos possíveis como vocação específica?
2. A Igreja nos recorda que o batismo é a fonte de todas as vocações. De que modo nossa comunidade pode ajudar a aprofundar a seriedade do compromisso assumido pelo cristão no seguimento de Jesus?
3. Que meios você tem utilizado para aprofundar e crescer na perspectiva espiritual e humana de sua consagração religiosa (exemplos: acompanhamento espiritual e terapia psicológica)?

**Referências Bibliográficas**

- III SIMPOSIO ITVR (INSTITUTO TEOLÓGICO DE VIDA RELIGIOSA). *Religiosos hermanos hoy: don para la Iglesia y la sociedad*. Madrid: Claretianas, 2011.
- AGUILAR, Fernando Sebastian. *Renovación de la Vida Religiosa*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1967.
- ARMSTRONG, Philip (ed.). *Who are my brothers? Cleric-Lay relationships in men`s religious communities*. New York: Alba House, 1988.
- BOFF, Clodovis. A dimensão da laicidade da Vida Religiosa. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 54, n. 215, p. 547-588, set. 1994.
- COMISSÃO dos Superiores Gerais dos Institutos Religiosos Laicais. *Irmão nos Institutos Religiosos Leigos*. Roma: s/ed., 1991.
- COMPÊNDIO do Vaticano II. 29 ed. Petrópolis:Vozes, 2000. (LG; PC).
- CONGREGAÇÃO para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica. *Identidade e Missão do Religioso Irmão na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2016. (Cong.IMI)
- FORKAN, Donatus. Los institutos religiosos de hermanos denotan una rica espiritualidad. *Testimonio*, Santiago (Chile), n. 248, p. 45-54, nov/dic. 2011.



- GONÇALVES, Alfredo. Vida religiosa consagrada: “O que fazer?”. *Convergência*, Brasília, v. 52, n. 502, p. 21-24, jun. 2017.
- João Paulo II. *Exortação Apostólica Redemptionis Donum*: a consagração religiosa a luz do mistério da redenção. São Paulo: Loyola, 1984.
- JOHNSON, Elizabeth. *Nossa verdadeira irmã*: Teologia de Maria na Comunhão dos Santos. São Paulo: Loyola, 2006.
- MACCISE, Camilo. *100 fichas sobre la Vida Consagrada*. Burgos: Monte Carmelo, 2005. Disponível em: <<http://documents.tips/documents/maccise-camilo-100-fichas-sobre-la-vida-consagradapdf.html>>. Acesso em: 17 jul. 2017.
- MEISTER, Michael F. (Ed.). *Blessed Ambiguity*: brothers in the Church. Landover: Christian Brothers Publications, 1993.
- METZ, Johann B. *A fé em história e sociedade*. São Paulo; Paulinas, 1981.
- RAHNER, Karl. Sobre el apostolado seglar. In: RAHNER, Karl. *Escritos de Teologia*. Tomo II. Madrid: Taurus, 1963. P. 337-377
- TABORDA, Francisco. Feminismo e Teologia feminista no primeiro mundo. *Perspectiva Teológica*, v. 22, n. 58, p. 311-337, 1990.
- TACCONE, Fernando (org.); Atti del I Convegno Intercongregazionale (Roma 18-23 aprile 1982). *Il fratello religioso nella comunità ecclesiale oggi*: La vocazione religiosa del Fratello negli istituti clericali. Roma; Edizioni CIPI, 1983.
- TÓMAS DE AQUINO. *Suma Teológica*: II seção da II parte, questões 123-189. São Paulo: Loyola, 2005. v. 7. (STh).
- SATLER, Fabiano. *Todos vós sois irmãos*. São Paulo: Paulus, 2015.
- SAUVAGE, Michel. *Vida Religiosa Laical y vocación de Hermano*. Bogotá: RELAL, 2003.
- SCHIELER, Robert. An experience of Jesus and his Brothers. *Review for religious*, Saint Louis, v. 66, n. 1, p. 64-73, 1999.
- SECONDIN, Bruno (org.). *Profeti di fraternità*: per una visione rinnovata dela spiritualità carmelitana. Bologna; Dehoniano, 1985.
- VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.